

relyado 

#2 - MAIO/2018



# FRONTEIRAS DA BOLA

## DESTAQUES

**MLS** E A SOCIEDADE  
DO CANSAÇO

**EGITO** E A ESPERANÇA  
QUE SAI DOS CAMPOS  
PARA A RUA

**CAMISAS 10,**  
A AMPULHETA  
E O ESPÍRITO



# Relvado é

## **Redação e Revisão**

Felipe Portes, @portesovic  
Jessica Miranda, @jessmirandinha  
Murillo Moret, @moret\_  
Nayara Perone, @corinthiana  
Wladimir Dias, @WladDias

## **Arte e Diagramação**

Felipe Portes e  
Nayara Perone

Já se passaram três meses desde o lançamento oficial da Relvado. Aprendemos com o feedback do público e com nossas ideias, cada vez mais sólidas. Mais do que isso: entendemos realmente qual é a verve do projeto, o que nos move e o que podemos fazer para crescer ainda mais.

Ainda que o processo de dois meses seja curto demais para se analisar e executar mudanças drásticas, vivemos acelerados nesse ciclo, recomeçando de maneira diferente para a segunda edição. E o que você leu e viu na primeira Relvado será diferente do que está disposto nesta aqui - o que, de forma alguma, invalida a experiência trazida na #1. Algumas das mudanças cruciais para a #2 são: os temas estão mais diversificados e a identidade visual da revista foi repaginada, priorizando a experiência digital.

Expandimos o conhecimento e o foco para abranger temas como os conflitos no Egito, na Ucrânia, a batalha pelo espaço do futebol feminino e questões identitárias no Barcelona. Trazemos uma variedade mais vasta de assuntos; e um pouco mais de opinião, mas sempre com o viés básico de contar histórias, nossa proposta fundamental, que, como pedra angular do projeto, não mudou.

A ideia central da Relvado #2 são as fronteiras do futebol. Elas são infinitas e roçam questões das mais diversas naturezas. É aí que entra a mágica da evolução da ideia inicial: não é que os temas escolhidos sejam completamente alheios uns aos outros. Há um conexão. Tênuê, mas há.

É sabido que, nestes tempos, quem quer crescer precisa mostrar versatilidade, talento e disposição. Também é fundamental carregar a ânsia de querer deixar o anonimato e ser alguém. A Relvado começou do zero e já começa a deixar sua marca, lentamente, para que um dia seja referência. Um dia. É o que queremos.

A segunda edição traz consigo uma parte sutil e elaborada a partir da opinião de quem realmente nos interessa: você, leitor. Sem sua contribuição, essas páginas não fazem sentido algum.

Por vocês e por quem mais queira nos ler de agora em diante, apresentamos a edição de maio de 2018.

# ÍNDICE

5



13



19



24



34/59



41



48



69



77



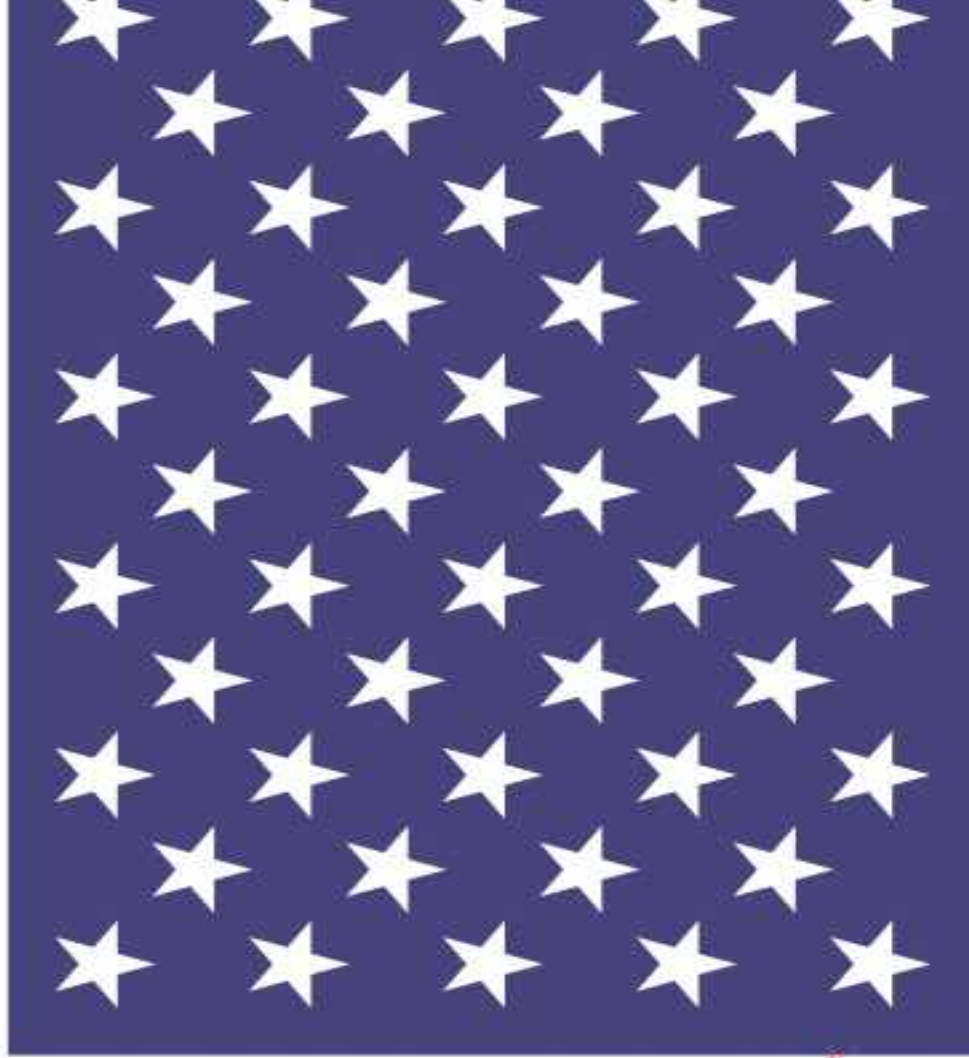
85



94



- 5**      **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
- 13**     **DINASTIA PAUSADA**
- 19**     **MARADONA E O MANDIYÚ**
- 24**     **CONSTRUINDO UM NOVO ÍDOLO**
- 34**     **OS REIS DO LONGO PRAZO, PARTE I**
- 41**     **BORING ARSENAL**
- 48**     **A GÊNESE DO GRANDE BARCELONA**
- 59**     **OS REIS DO LONGO PRAZO, PARTE II**
- 69**     **POVO NAS RUAS, CRIMEIA E DONBASS**
- 77**     **A CAMISA 10, A AMPULHETA E O ESPÍRITO**
- 85**     **A ESPERANÇA QUE SAI DO CAMPO PARA AS RUAS**
- 94**     **A CULPA QUE CARREGAMOS**



# SOCIEDADE DO CANSAÇO

Como a maior potência econômica do mundo lida com o fracasso no esporte de que tanto quer ser protagonista

ESTADOS UNIDOS | POR JESSICA MIRANDA

Sentados confortáveis em nossos sofás, com uma bebida na mão, de vez em quando vem aquela pergunta: por que os Estados Unidos não são uma potência no futebol?

Mesmo sem entender as inúmeras regras, observar um jogo da NBA, da NFL ou de qualquer outra liga de esporte coletivo – cuja organização e intensidade culminam numa liga forte e estruturada – e logo depois zapear pela MLS é uma experiência, no mínimo, curiosa.

Haverá aqueles que dirão que os liderados por Donald Trump não possuem a malemolência necessária para triunfar, que preferem esportes com placares altos e que mudam constantemente, para



compensar o espasmo de atenção e a necessidade de comprar tudo em grandes quantidades. Ou que é a sina dos hereges americanos, por querer chamar de soccer o mundialmente tido como football.

### **Eu não creio em bruxas, mas que elas existem, existem**

“O caminho para os Estados Unidos ganharem uma Copa do Mundo não começa com o país tendo mais talento. Ele começa com desenvolvendo o talento que nós já temos aqui, da forma certa”. Essa são as palavras de um jovem de 19 anos. Você o conhece. É Christian Pulisic, do Borussia Dortmund.

Como um Cristo, foi crucificado pela não classificação americana para o Mundial da Rússia, enquanto a Federação de Futebol dos Estados Unidos (doravante tida como USSF) lavava as suas mãos. “Não se fazem mudanças bruscas baseadas na bola dois dedos dentro ou dois dedos para fora”, disse o então presidente Sunil Gulati. O técnico da seleção, Bruce Arena, concordou: “nada precisa mudar” – ele pediu demissão dias depois do fracasso.

De fato, a bola de Clint Dempsey não entrou por detalhe. Mas quando ela carinhosamente resvalou na trave, aos 30 do segundo tempo, os EUA já estavam perdendo para Trindade e Tobago, fora de casa, por 2 a 1, quando precisavam de um mero empate para avançar na mais fácil eliminatória para a Copa do Mundo – pela quantidade de vagas disponíveis, três e meia, e o nível das equipes.

Um gol contra ridículo de Omar González abriu o placar para os caribenhos, aos 17 do primeiro tempo. Vinte minutos depois, Alvin Jones recebeu a bola a 15 metros da entrada da pequena área. Ninguém lhe ofereceu combate. Teve todo o tempo e a calma do mundo para se preparar para o chute e meter uma bola curvada no canto direito de um Tim Howard que, desde os milagres contra a Bélgica na Copa de 2014, nunca mais foi o mesmo.

Foi o primeiro gol de Jones pelo seu país, último colocado do hexagonal final da Concacaf, uma posição acima dos EUA.



Pulisic, logo no início do segundo tempo, driblou o marcador e chutou alto para diminuir o placar. Imaginava-se que os estadunidenses fariam um bombardeio à área adversária, porém o cheiro de complacência era sentido no ar, pois a derrota não necessariamente acarretaria a eliminação. Honduras e Panamá precisavam vencer as partidas, em casa, respectivamente contra México e Costa Rica para ultrapassar os americanos. E assim o fizeram: 3 a 2 e 2 a 1.

A classificação panamenha, porém, causou rebuliço. Tudo porque o gol de empate na realidade não ocorreu. Numa confusão após cobrança de escanteio, o goleiro reserva Patrick Pemberton caçou borboletas, o camisa 9 Gabriel Torres chutou prensado, o defensor Francisco Calvo e o atacante Blas Pérez se enroscaram e Ronald Matarrica foi de carrinho para impedir a passagem da bola, chutando-a em cima de um caído Pérez para tentar ganhar o tiro de meta. Mas ainda que a bola claramente não tenha ultrapassado a linha, o árbitro acompanhou o bandeirinha e deu o gol para o Panamá.

Aos 42 do segundo tempo, o zagueiro e capitão Román Torres se lançou ao ataque e recebeu uma bola longa, para meter uma bomba e classificar o seu país pela primeira vez à Copa do Mundo. É bem verdade que o Panamá já poderia ter participado do Mundial do Brasil.

Jogando também em casa, enfrentou os EUA, já classificados, e vencia o jogo até os acréscimos do segundo tempo, quando tomou a virada – resultado que nada mudaria para os americanos – e perdeu a vaga para o México. Vingança da bola?

### **EUA e Brasil: gente como a gente**

Quatro meses depois da tragédia de Trindade, ocorreram as eleições para a presidência da USSF. Porém, quem esperava alguma mudança na forma de gestão, enganou-se.

Os brasileiros poderiam ter dado umas dicas aos brothers de como, mesmo com um massacre épico nunca antes visto, nada muda nas relações de poder – Marco Polo Del Nero conseguiu, após ficar meses de licença, eleger seu braço direito à

presidência da CBF, Rogério Caboclo. E então Gulati apoiou seu vice, Carlos Cordeiro, vencedor do segundo turno após derrotar outro membro do establishment, Kathy Carter, presidente do Marketing de Futebol dos EUA.

Dentre os outros seis candidatos estava a ex-goleira Hope Solo, que perdeu as esperanças quando a associação dos atletas finalmente decidiu apoiar Cordeiro. "Foi muito desalentador, mas não estou surpresa. Várias vezes já vi atletas cederem sob a pressão e o medo", tuitou Hope. Em seu discurso antes da votação, disse que um voto para Cordeiro ou para Carter era um voto para a desunião, discórdia e fracasso. Analisando os resultados dentro de campo, Hope está correta, pois desde 1990 os EUA conseguiram se classificar para a Copa.

Já o sucesso da seleção feminina de futebol é muito em vista de um apoio financeiro da USSF. Por menor que seja, é ainda bem superior ao dado ao restante das seleções de mulheres, por suas federações.

Para se ter noção do abismo, Hope, campeã mundial, viu sua equipe receber 2 milhões de dólares, enquanto um ano antes a Alemanha ganhou 35 milhões de dólares mediante a glória na competição masculina. Até mesmo por apenas participar da Copa de 2014 os americanos faturaram mais do que as mulheres campeãs.

### **E a base, vem como?**

De acordo com o jornalista Elliott Turner, as reformas realizadas nos últimos vinte anos pela Federação tentam copiar um modelo europeu de sucesso: "A França abriu um centro de treinamento nacional em 1988 [[sobre este assunto, leia mais no nosso site](#)] - e ganhou a Copa de 1998. Em 1999, a USSF inaugurou um programa de residência semelhante para jogadores sub-17. Em 2010, a Espanha venceu o Mundial com o tiki-taka e o 4-3-3. Um ano depois, a federação mudou o currículo da base para focar intensamente no 4-3-3. A Alemanha venceu a Copa de 2014, então, em 2015, foi contratada a empresa Double-Pass, que presta serviços para a Mannschaft, para auditar a MLS e alguns centros de base".



Mesmo assim, nenhuma das seleções juvenis americanas conseguiu, nesta década, se classificar para um Mundial, tampouco para alguma edição das Olimpíadas. Os EUA têm em Pulisic a certeza de ter encontrado uma jóia rara, que no entanto, foi esculpida em outro lugar. Se não fosse por seu passaporte croata, talvez Christian não estivesse no nível de hoje nem com condições de melhorar no futuro.

A nacionalidade europeia lhe permitiu a saída para a Alemanha aos 16 anos e não aos 18, como via de regra para estrangeiros fora da União Europeia. Em relato no *The Players Tribune*, Pulisic ressaltou a importância do treinamento árduo e de altíssimo nível nesses intervalo de dois anos, pois falta intensidade e competitividade na formação dos jovens americanos.

Jürgen Klinsmann soube a identificar e aceitar que seu ciclo no comando da seleção alemã se esgotara, deixando um sucessor na figura de Joachim Löw. Anos depois, porém, o ex-atacante não teve o mesmo discernimento e se recusava a largar o cargo de técnico dos Estados Unidos. A USSF ter renovado o contrato de Klinsmann antes da disputa da Copa no Brasil se mostrou errônea e amadora.

Quando o alemão perdeu o respeito de seus comandados, ao guiá-los para uma sequência de resultados negativos, é que a Federação tomou a atitude tardia de demiti-lo. Para seu lugar, em 2016 chegou Bruce Arena, o responsável pela melhor

**“Preciso falar isso... realmente me frustra quando eu vejo a MLS e percebo que nossos melhores jogadores sub-17 – tão talentosos e tão capazes – são selecionados, mas depois não entram muito em campo para jogar de verdade. Eu vejo isso e apenas penso sobre como me deram uma chance, uma chance de verdade, e isso mudou a minha vida. Por que aparentemente hesita-se tanto em permitir que esses talentos floresçam?” (Pulisic)**

campanha estadunidense na história dos Mundiais: quartas de finais na Copa de 2002. Ainda no comando da equipe na Copa na Alemanha, Arena foi também responsável pelas três derrotas na fase de grupos e um adeus frustrante.

Klinsmann poderia ter seus defeitos de gestão, porém entendia com maestria sobre a cultura de desenvolvimento de um jogador. Eis um relato do defensor Geoff Cameron, jogador do Stoke City desde 2012: “Depois que Jürgen Klinsmann foi demitido, e Bruce Arena assumiu, nós ficamos muito confortáveis. Perdemos nossa ambição e senso de progresso. Mas mais do que qualquer coisa, perdemos qualquer senso de competitividade”.

Será raro alguém ir a cidades dos EUA e encontrar crianças jogando na rua, com chinelos como gol e bolas adaptadas de qualquer coisa roliça. O esporte é tido como produto para a classe média, praticado em campos perfeitos, sob a supervisão de adultos – ambiente que, ao contrário daquele em que se insere o pibe argentino e do malandro brasileiro castra a criatividade artística e a independência.

O motivo desta proteção toda é o dinheiro. Lá, precisa-se pagar uma quantia elevada, em torno de mil a mil e quinhentos dólares anuais, para praticar o esporte e ter uma chance de avançar às academias de base da liga nacional. Ainda que bolsas sejam concedidas a jogadores cujo talento é expressivo, quantos outros meninos e meninas, cujas habilidades demorariam para aparecer, não têm as portas fechadas pelo impedimento financeiro? Este sistema pay-to-play também gera outras complicações. Por conta de um imbróglio jurídico dos anos 90, a USSF não aplica as regras

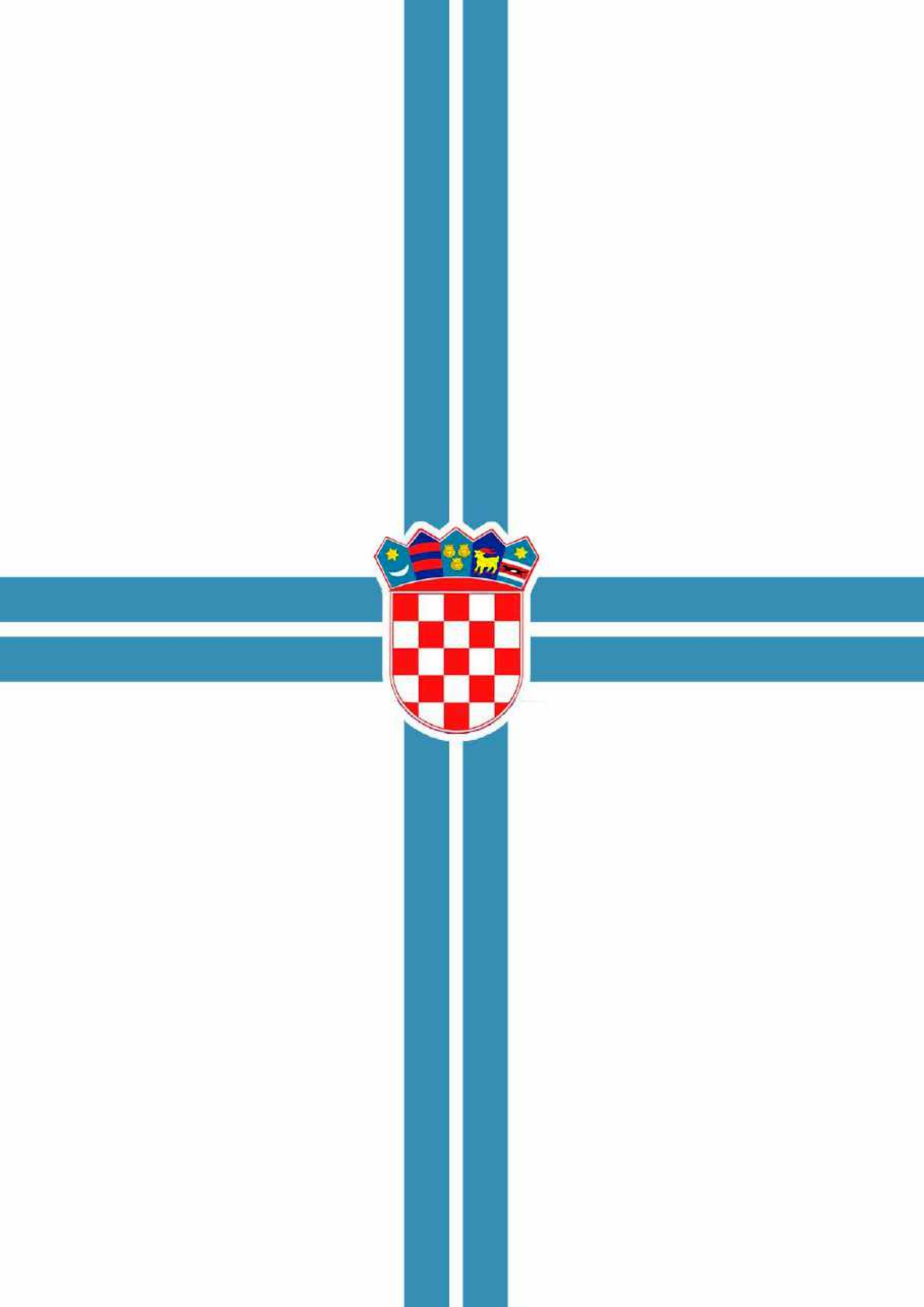
do mecanismo de solidariedade, aquele percentual de uma venda futura que o clube revelador e o clube formador recebem. Assim, as bases americanas procuram jogadores que possam ser vendidos de pronto, normalmente os fortes fisicamente, de modo a faturar.

Com tantos empecilhos, não à toa os aspirantes ficam desmotivados e recorrem a outros esportes, como basquete, praticado em qualquer garagem ou beco. Mesmo depois de passarem pelas peneiras dos clubes da MLS, poucos têm minutagem em campo. É isso que tira Pulisic do sério. Talvez a pressão que uma sociedade sedenta por resultados rápidos ponha em seu Cristo do futebol seja exacerbada, levando em consideração a idade de Pulisic. "Sei que ninguém quer meu mal ou quer colocar muita pressão em mim".

Em seu livro "Sociedade do Cansaço", o filósofo Byung-Chul Han aponta que a "sociedade do século XXI não é mais sociedade disciplinar de Michel Foucault, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais de 'sujeitos da obediência'", mas sujeitos de desempenho e de produção. São empresários de si mesmos".

"O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho. A depressão irrompe no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais poder. Ela é de princípio um cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade."

Não há nação no mundo mais adoecida mentalmente do que os EUA. Com a tragédia de Trindad e Tobago, Pulisic admitiu se sentir bem depressivo, o que, para Han, é uma consequência lógica do interior do jogador. Pulisic vive a sina de aguardar mais 1.834 dias, contados um a um, para participar de uma Copa do Mundo. Contemos junto com ele.



# UMA DINASTIA PAUSADA

Ao se sagrar campeão, Rijeka não permitiu que o Dinamo Zagreb comemorasse pela 12ª vez consecutiva. Mas a normalidade é outra

CROÁCIA | POR MURILLO MORET

**S**ão 10 rodadas restantes para o fim do campeonato. O Dinamo Zagreb segue com certa folga na liderança, com oito pontos de vantagem ao Hajduk Split e nove para o atual campeão, Rijeka. Ainda que haja confrontos diretos, o time da capital da Croácia caminha rumo a mais um título nacional. A distância entre os clubes enaltece - e também rechaça - a gloriosa campanha do rival litorâneo que interrompeu uma dinastia de uma década.



O Rijeka era mais conhecido pela torcida organizada, Armada, que pelo desempenho em campo. Dinamo e Hajduk sempre foram os clubes croatas de maior destaque - mesmo antes da dissolução do campeonato iugoslavo (com mais títulos nacionais e resultados continentais mais expressivos para a equipe de Split).

O crescimento vertiginoso dos azuis está ligado à independência da Croácia, ao fortalecimento do partido democrata, e posterior vitória de Franjo Tudjman, e ao cartola Zdravko Mamic.

O time da capital chegou a trocar de nome duas vezes (primeiro, HASK Gradanski; depois Croatia Zagreb) porque o presidente acreditava que "Dinamo" era uma alcunha "stalinista, bolchevique ou repressiva demais".

O intuito era retomar uma cultura pré-comunista numa Croácia que nascia sob a liderança dele - mesmo que a decisão de mudar o nome não tenha agradado a principal organizada, a Bad Blue Boys.

Uma reportagem do Nacional mostrou com detalhes a ação das agências de inteligência croatas, que buscavam alinhar o título do campeonato de 1999 para Zagreb através de contatos com árbitros, dirigentes e jornalistas.

O Rijeka tinha chance de vencer aquele torneio, porém, teve um gol mal anulado contra o Osijek, aos 44 minutos do segundo tempo. [[Clique aqui para ler a matéria do Nacional, em croata](#)]

Mamic é outro personagem fundamental na história recente. Na década de 2000, o mandatário foi acusado por fãs, jornalistas e outros oficiais sobre os casos de nepotismo e negociações indevidas (sejam por brechas no regulamento ou transações obscuras) que beneficiavam o clube. Atualmente, ele responde legalmente às acusações de fraude, evasão de impostos e corrupção.

O próprio Rijeka foi beneficiado pelo sistema. Em 2013, o Dinamo ofereceu ajuda ao time que estava próximo a declarar falência. Este auxílio foi realizado de forma financeira e com



um fluxo de jogadores que estavam sendo pouco utilizados em Zagreb, como o lateral-direito Ivan Tomecak e os atacantes Ivan Krstanovic e Andrej Kramaric.

A vitória dos azuis em 2017 foi recebida com agrado por Mamic, que disse, aliás, que “o aprendiz derrotou o mestre” e que “estava orgulhoso”.

Na última temporada, ninguém realmente foi melhor que o Rijeka, por méritos próprios: o técnico Matjaz Kek, no cargo desde 2013, alcançou um formato consistente e a equipe ficou bastante coesa com atletas internacionalmente pouco conhecidos. Franko Andrijasevic e Mario Gavranovic lideraram o time em gols, Marko Vesovic e Josip Misic tomaram o meio de campo para si e Stefan Ristovski jogou muito pela lateral.

Aliás, a Copa da Croácia também foi vencida em cima do Dinamo. Todos esses jogadores, entretanto, já não estão mais no litoral (Vesovic e Gavranovic saíram em janeiro último, sendo que o atacante foi vestir a camisa do Zagreb).

**O grande destaque da atual temporada do Rijeka é o brasileiro Heber. Ele foi contratado junto ao Slavan Belupo por 300 mil euros. O atacante formado no Figueirense é o artilheiro do Croata com 15 gols.**

O incidente reportado em Saint-Etienne, em 2016, durante uma partida contra a Tchêquia na Eurocopa, mostrou a impaciência do torcedor croata: exaurido de uma cultura futebolística corrompida, de um campeonato sucateado por uma corrupção endêmica e com uma seleção com identidade indefinida (os episódios nas Eliminatórias contra Noruega e Itália, porém, não podem ser agregados ao contexto).

Existe uma grande diferença entre mostrar descontentamento atirando sinalizadores ao gramado, e entoar cânticos racistas e queimar uma suástica no gramado com reagentes químicos).

A vitória da periferia sobre a rica capital, mesmo que

aconteça novamente nesta ou na próxima temporada, parece condicionada à exceção. O título vale para qualquer torcida, mas como isso pode acontecer de novo sendo que a mecânica do negócio não muda? O Campeonato Croata falha em muitos aspectos, e a reeleição do ídolo Davor Suker para a presidência da federação não supõe melhoras em um futuro próximo.

Em 2016, por exemplo, não houve informe anual de finanças - assim como não existe transparência em relação ao dinheiro municipal que é concedido a alguns clubes. Transparência, aliás, é uma palavra-chave. Os torcedores procuram se engajar em prol de um futebol melhor no país, mas por enquanto...

A média de público tem aumentado no último par de anos, mas menos de 3 mil torcedores por partida é pouco, visto que metade dos estádios da primeira divisão tem capacidade superior a 10 mil.



Outra forma de avaliar o público irrisório é a taxa de ocupação. A casa do Dinamo, o Maksimir, é o maior estádio do país (com capacidade para pouco mais de 35 mil lugares).

Na média, a equipe não tem conseguido superar 4 mil por jogo. Slaven Belupo e Inter Zapresic não conseguem levar mil torcedores aos estádios de capacidade de 4 mil pessoas. A média total só não é pior porque o Hajduk Split mantém o Poljud com pelo menos um terço da ocupação máxima.

Os pequenos se mantêm pequenos - eles são muitos em uma divisão com somente dez equipes - e não há como fomentar investimento sendo que o orçamento é exíguo.

**As participações na Liga dos Campeões ajudam a distanciar as grandes ligas das periféricas. Entre as migalhas restantes, o subúrbio que consegue entrar já tem uma enorme vantagem nacionalmente - na Croácia, então, o Dinamo consegue expandir ainda mais suas finanças desta forma.**

Quando a Croácia avançou à semifinal do Mundial de 1998, na França, a castigada Alemanha (eliminada com uma derrota pesada, 3 a 0) iniciou uma preparação em vários níveis: analisou os problemas e desenvolveu uma estratégia de consolidação do esporte que incluía a construção de 120 campos de futebol.

A seleção croata não levou uma pancada desta magnitude nas últimas competições internacionais, porém, nenhuma estratégia foi pensada para desenvolver o campeonato que a própria federação toma conta.

Essa, aliás, é uma das diferenças: Áustria, Bélgica, Tchéquia e até Azerbaijão têm ligas organizadas de forma independente.

A Inglaterra conta com administração distinta para a primeira divisão. Sem associação de clubes, a Croácia perde investimento para ligas do mesmo nível, como cipriota ou dinamarquesa.



# MARADONA E O MANDIYÚ

A história de um ídolo banido em sua empreitada mais obscura no futebol argentino

ARGENTINA | POR FELIPE PORTES

Você provavelmente nunca deve ter ouvido falar do Deportivo Mandiyú, uma pequena equipe argentina que disputou a primeira divisão em 1994. Na história dos algodoneiros na elite argentina, entre 1988 a 95, muitos sonhos foram frustrados. O maior deles atende pela alcunha de El Pibe, ou o maior ícone que o futebol argentino já viu.

Sem qualquer dúvida, o Deportivo Mandiyú viveu seu grande momento quando contratou a dupla Diego Maradona e Sergio Goycochea, pouco após a Copa do Mundo nos Estados Unidos. O impacto na mídia foi positivo antes de a bola rolar. No entanto, essa parceria não terminou bem para nenhum dos envolvidos.



Antes de contar essa história bizarra que diz muito sobre a trajetória do Maradona pós-doping, é preciso conhecer o Mandiyú, um pequeno que teve seus quinze minutos de exposição, mas logo decaiu e foi adquirido por novos donos, em 1994.

No fim da década de 1980, os alviverdes se transformaram em uma colônia para uruguaios e paraguaios, contando com muitos atletas desses países. Era um tempo sem limitações para atletas estrangeiros. Os paraguaios Pedro Barrios e Alfredo Mendoza, o uruguaio Ricardo Perdomo e o ídolo Julio Olarticoechea eram os pilares do período mais tenro do Mandiyú.

O time escalou as dificuldades do cenário nacional e se estabilizou na primeira divisão. A tendência a montar planteis econômicos e eficientes premiou os alviverdes com uma excelente campanha no Clausura de 1991, deixando a equipe muito próxima de disputar a Libertadores de 1992.

A campanha na Liguilla pré-Libertadores de 1991 acabou contra o River Plate, nas quartas de final, com duas derrotas por 2 a 0. Visando uma participação sul-americana, o Mandiyú voou alto e caiu vertiginosamente nos meses seguintes.

### **Em franca decadência**

A estrela dos algodoneiros brilhou por pouco tempo. Do time surpreendente de 1991 não havia sobrado quase nada e a maré subiu, engolindo e devastando toda a sorte do clube. Sem dinheiro e com resultados medíocres, o Mandiyú pedia socorro para não fechar as portas, mesmo disputando a primeira divisão.

Em 1993, reconhecendo a terra arrasada nos cofres alviverdes, a Associação de Futebol Argentino (AFA) concedeu uma permissão para que o clube se convertesse em uma sociedade anônima, atraindo investidores e diminuindo sua sangria financeira.

Então, surgiram os salvadores da causa: o deputado Roberto Cruz e Roberto Navarro, cartola do San Lorenzo. A quantia investida pela dupla foi irrelevante, mesmo para a época: 2 milhões de dólares. Assim, em 1994, o pequeno time dava uma guinada para tentar se meter entre os grandes.

Cruz abriu o bolso para resgatar a agremiação. E ousou ao trazer dois nomes bastante conhecidos do público argentino. Maradona retornava ao seu país após 12 anos, agora como treinador, acompanhado de Goycochea, o milagreiro dos pênaltis na Copa de 1990, que estava em baixa naquele momento.

A expectativa em torno de Maradona era enorme. El Pibe, por outro lado, havia acabado de ser banido do futebol pelo caso de doping por efedrina durante o Mundial dos Estados Unidos. Como estava proibido de atuar por 15 meses, pensou que poderia contribuir como técnico.

O problema é que o próprio Diego não sabia como ser um treinador e, anos antes, quando ainda defendia o Sevilla, afirmou que não pretendia deixar o futebol para ser um comandante à beira do campo. O choque do escândalo do doping e o turbilhão na vida pessoal mudaram a concepção do craque, que não conseguia ficar longe do futebol por muito tempo.

A inaptidão de Diego para ser técnico se resumia a um fator: ele não sabia como fazer com que seus atletas replicassem a sua habilidade. Sequer fazia ideia de como ministrar um treino. Para a missão, Maradona contou com o auxiliar Carlos Fren, seu fiel escudeiro.

Em 9 de outubro de 1994, portanto, Maradona voltava ao futebol, mas do lado de fora do gramado. Sem credenciais para exercer sua nova função como técnico, Diego viu o jogo das arquibancadas. Fren assumiu a bomba, mas talvez fosse trabalho demais para ele: a estreia como mandante foi decepcionante, com uma derrota por 2 a 1 contra o Rosario Central.

Dividindo as atenções com o próprio jogo, Diego vibrava e acenava para o seu povo, como um verdadeiro herói em busca de sua redenção. De terno e gravata, com mangas arregaçadas, um brinco na orelha esquerda e todo o seu carisma, Maradona acenava para a torcida. Era um show à parte vê-lo, debaixo do forte sol de Corrientes, para uma partida modorrenta do nacional.

A história, com nuances bizarras, só poderia terminar de duas maneiras: forjada para a glória ou com um fracasso retumbante.



os inúmeros dribles que ele havia proporcionado ao mundo em seus anos dourados como atleta. De longe, tudo parecia em ordem. Olhando com atenção, Maradona era apenas uma cortina de fumaça.

## **O primeiro fiasco**

O time não respondia bem em campo. Os resultados ruins tiraram a confiança do elenco e minaram o próprio Maradona junto à diretoria. O astro, que não sabia como solucionar as carências do grupo, não poupou xingamentos e críticas à arbitragem como forma de tirar o foco das más atuações. Como elas se repetiam, a medida se provou ineficaz.

Fren, apontado por Diego como “igualmente responsável pelo time”, era claramente o treinador efetivo, enquanto Maradona servia como enfeite e porta-voz nas coletivas. O desastre era iminente.

Em novembro de 1994, durante os momentos mais críticos no Mandiyú, Maradona apareceu ao lado de Fren para um programa de debate na TV argentina. Claramente incomodado



com a situação e com as perguntas, Maradona sorriu quando um garoto na plateia lhe indagou se ele gostaria de assumir o Boca Juniors algum dia. Lisonjeado e até gaguejando, Diego lhe respondeu que sim, seria uma honra. O mais perto disso que ele chegou disso foi o trecho final de sua carreira como atleta, quando jogou mais três anos pelo Boca, até se aposentar. Como treinador, mesmo, passou longe.

O desempenho da equipe, com ele, foi desastroso: 12 jogos, seis empates, cinco derrotas e uma única vitória, contra o Gimnasia y Esgrima, por 3 a 0. O plano como um todo foi um fiasco e, sem o Pibe e Goycoechea, que seguiu para o Internacional, o clube amargou o descenso ao fim da temporada, com a penúltima colocação no Clausura.

**Pouco menos de dois meses após assumir o comando dos algodoneros, Maradona pedia demissão no Mandiyú por discordar demais da diretoria.**

Maradona se lançou em outro desafio como técnico, já que não podia atuar. Assumiu o Racing, em 1995, ficando por quatro irrelevantes meses ao lado de Fren no banco. O resultado, ainda que sem rebaixamento, foi de duas vitórias, seis empates e cinco derrotas. Um desses triunfos foi justamente contra o Boca, em La Bombonera, por 1 a 0.

Abandonado completamente por suas principais figuras e também por Cruz, que retirou seu investimento, o Mandiyú desapareceu do mapa em 1995, quando declarou não ter condições de disputar a Nacional B. Desfiliado pela AFA, o pobre Mandiyú acumulou dívidas massacrantes antes de fechar as portas.

Refundado em 1998 como Deportivo Textil, se fundiu em 2016 com a antiga agremiação que fechara em 1995. Em 2018, o Deportivo Mandiyú disputa o Torneo Argentino A, equivalente à terceira divisão local.

The image features a stylized graphic of the Norwegian flag. It consists of a white arrow pointing to the left, superimposed on a background of horizontal stripes. The stripes are blue, red, and blue, with white borders between them. The arrow is white and has a simple, bold design. The text "R. CENI" is written in white, bold, sans-serif capital letters on a red background at the bottom of the image.

**R. CENI**

# CONSTRUINDO UM NOVO ÍDOLO

Dedicar-se a um clube como jogador não é certeza de sucesso enquanto treinador. Rogério Ceni agora tenta dar uma nova guinada em sua carreira

BRASIL | POR WLADIMIR DIAS

**P**arece haver pouca margem para dúvidas com relação a quem seria a personalidade que melhor representa o São Paulo em sua história. Durante sua carreira, o ex-goleiro Rogério Ceni defendeu o Tricolor por 23 temporadas, primeiro como reserva de Zetti e, após, como dono absoluto da meta titular.

O Mito - alcunha que acabou recebendo - se tornou um emblema da instituição paulistana, um símbolo indiscutível dos tempos de glória da equipe. Embora haja espaço para alguma discussão, muitos o consideram seu maior ídolo.



Foto: Divulgação/Fortaleza

A carreira longa, entretanto, já provocava reações diversas no torcedor são-paulino. Ceni encerrou os trabalhos ao final de 2015, tempo em que já passara a cometer falhas incomuns para outras épocas. Teve quem lhe apontasse alguns dedos: por que arriscar um legado histórico com um final de carreira decepcionante?

A resposta era simples: nada do que ocorresse no fechar das cortinas machucaria a imagem construída. Quaisquer falhas seriam deixadas de lado em prol da consolidação do mito. E, além disso, alguém como ele só sairia quando quisesse, o que de fato se mostrou verdadeiro.

Rogério não chegou a parar em baixa - ainda que não fosse mais o mesmo arqueiro de outrora, o genial guarda-metas que parou, dentre outros, Steven Gerrard, em 2005.

Naquele festivo final de 2015, seu currículo foi encerrado com riqueza: dentre as principais conquistas obtidas, o goleiro levou duas Copas Libertadores da América (1993 e 2005), três campeonatos brasileiros (2006, 2007 e 2008), uma Copa Conmebol (1994), uma Copa Sul-Americana (2012), três campeonatos paulistas (1998, 2000 e 2005), dois Mundiais (1993 e 2005).

Ele também participou da campanha do pentacampeonato do mundo, com a Seleção Brasileira, em 2002, e foi eleito o melhor jogador do futebol brasileiro em 2008, na tradicional premiação oferecida pela revista Placar, o troféu Bola de Prata.

### **Transição rápida**

Tão logo o goleiro encerrou sua trajetória, começou seu périplo ao redor do mundo na busca por conhecimento que o permitisse prosseguir nas quatro linhas. Em 2016, foram noticiados estágios do Mito como seu ex-treinador Juan Carlos Osório, atual comandante da seleção do México, Pep Guardiola e Jorge Sampaoli.

Ele foi também "auxiliar técnico pontual" de Dunga, na Copa América daquele ano. O que viria a seguir já estava pensado, só

não se imaginava que fosse acontecer tão rapidamente. Quando encerrou a carreira, já havia decidido voltar a trabalhar com o futebol em 2017. Em sua despedida, afirmou à rádio Jovem Pan: *"agora vou pensar o que fazer para começar 2017 numa nova função, uma nova atividade, seja ela qual for. Nesse espaço, até o final do ano, devo definir o futuro da minha carreira"*.

Porém, já em abril de 2016, em nova entrevista à mencionada rádio, deixava no ar a hipótese concreta de se tornar treinador de futebol no ano que se seguiria. Ainda naquele período, Carlos Augusto de Barros e Silva, o Leco, então presidente do São Paulo, profetizou: *"eu te diria que ele vai ser técnico do São Paulo em algum momento"*.

Só não se tinha uma ideia muito clara de que tal aconteceria tão cedo. A decisão veio no final daquele ano: Rogério Ceni assumiria o comando do Tricolor em 2017, no que seria sua primeira oportunidade à frente de uma equipe de futebol profissional.

Durante o ano em que permaneceu fora dos gramados, preparando-se para o que viria a seguir, Rogério Ceni também aproveitou para estabelecer novos e frutíferos relacionamentos. Foi assim que convenceu o inglês Michael Beale, ex-treinador do time sub-23 do Liverpool e com passagem pelo Chelsea, a ser seu auxiliar técnico, além do francês Charles Hembert, contratado para ser supervisor de futebol. Entretanto, o ex-goleiro não viveu nenhuma experiência dentro do campo.

### **Entre ideias, problemas e (maus) resultados**

Com ideias inovadoras e a conhecida maneira compenetrada de trabalhar – mas por vezes rigorosa demais –, chegou ao clube paulistano com a missão de tirar o time de um preocupante marasmo que toma o tricolor há alguns anos. Entretanto, o trabalho acabou sendo muito instável. Durou 37 jogos, tendo sido marcado por 14 vitórias, 13 empates e 10 derrotas, ou 50,4% de aproveitamento.

O São Paulo não chegou à final do campeonato paulista (eliminado pelo Corinthians na semifinal) e o rebaixamento à

segunda divisão do Brasileirão pairou sob o estádio Morumbi na época. Mas havia outras questões em causa, como a dificuldade de formar um elenco sólido; a insatisfação com o desempenho de alguns indicados por Ceni, como o meia Cícero; insistência com jogadores em mal momento, como Lucão; falta de padrão de jogo; e questões com a do ídolo uruguaio Diego Lugano, que teve poucas oportunidades no período.

As dificuldades nas relações interpessoais com alguns jogadores, imprensa e internamente ficaram evidentes. Rogério foi chamado de prepotente por muita gente. Inúmeras acusações foram feitas no sentido de que não houve tempo para o desenvolvimento de uma ideia. Por certo, seis meses, ou 207 dias, não são um prazo longo.

Também houve quem comparasse o comandante com outros jovens promissores, como Jair Ventura, Roger Machado e Fábio Carille, que tiveram mais tempo para executar seus (bons) trabalhos iniciais. E, aqui, há grave equívoco.

**Os três exemplos mencionados viveram as realidades de serem auxiliares técnicos e/ou de treinarem equipes de base. Bem ou mal, esse tipo de experiência dá respaldo ao trabalho de um jovem treinador. O salto de Rogério pode ter sido grande demais, sobretudo recebendo a dura missão de reerguer um clube conturbado, mesmo que fosse uma casa conhecida.**

Ainda assim, a imagem do ídolo dos campos acabou preservada, diante da gravidade dos problemas extracampo vividos pela agremiação tricolor.

Rogério deixou portas abertas, mas seu retorno parece condicionado a algumas provações e sucessos enquanto treinador. A oportunidade recebida em 2018 é o primeiro passo para um retorno futuro do Mito àquele que sempre será seu lar.



## **Novos rumos: chance em Fortaleza**

Ceni foi anunciado como o novo treinador do Fortaleza ainda em novembro de 2017. O treinador foi o primeiro “presente” da diretoria ao seu torcedor no período que se seguiu ao acesso do Leão do Pici à segunda divisão nacional, no ano de seu centenário. Não obstante, os primeiros desafios só começaram a ser disputados no início de 2018.

Havia uma aura de otimismo no ambiente, apesar de todos os problemas, a chegada do ex-goleiro significava uma quebra com o antigo e uma aposta no novo.

Não se podia dizer que Rogério não tivesse proposto coisas diferentes no tempo em que treinou o São Paulo. A estreia oficial, em partida válida pelo campeonato cearense, animou ainda mais o torcedor do clube tricolor.

A vitória por 4 a 0, contra o Uniclínic, chamou atenção - tanto pelo placar quanto pelo fato de o contestado atacante Gustavo, o Gustagol, jogador que pertence ao Corinthians, ter anotado todos os tentos da partida. Na oportunidade, Ceni se mostrou cauteloso: *“o que a gente não pode é esquecer que foi uma primeira rodada de um campeonato”*, disse em entrevista coletiva. Com o terceiro lugar na classificação geral do campeonato

cearense de 2017, o Fortaleza não se classificou à disputa da Copa do Brasil de 2018, motivo pelo qual Ceni só teve que lidar com o estadual em seu início de trajetória.

Essa situação, que aparentemente poderia ser positiva para um técnico em início de trabalho (dado o fato de que teria mais tempo entre as partidas para trabalhar a equipe), logo foi se transformando em uma panela de pressão.

Isso porque no início de fevereiro veio o primeiro derby da capital cearense. E o Fortaleza acabou derrotado pelo rival Ceará, que em 2018 integra a elite do futebol brasileiro. Ainda que o tricolor tenha se classificado à segunda fase do estadual na primeira posição, com sete vitórias e duas derrotas, em nove jogos, lidar com a derrota para o Vozão foi um problema. Na segunda fase, a vida do Tricolor foi um pouco mais difícil. O clube acabou na terceira posição, mas classificado às semifinais (apesar de parecer ruim o terceiro posto, apenas um ponto separou o Leão do Ceará, líder na fase).

Adiante, o adversário de Ceni foi o modesto Floresta, também da capital cearense. Sem dificuldades, os comandados do ex-goleiro obtiveram duas vitórias por 3 a 1 e chegaram à decisão, novamente contra o rival. Então, duas derrotas por 2 a 1 sentenciaram o comandante à gestão de sua primeira crise real no clube e velhas imputações renasceram.

Rogério foi acusado de não repetir a equipe uma vez se quer; não conseguir dar padrão de jogo ao time; não construir uma identidade; não ter conseguido definir uma equipe titular; e de assumir a velha postura prepotente em alguns momentos. Após a final do estadual, ouviu das arquibancadas um incômodo grito: "burro!".

Logo, o presidente do Fortaleza teve de assumir uma postura diante da situação. De cabeça fria, defendeu seu treinador e garantiu sua permanência para a disputa da Série B: "A torcida tem feito essa cobrança e ela tem todo o direito de fazer isso. Porém, não podemos nos influenciar pela corneta momentânea e que atrapalha nosso planejamento. Mudança de comando significa quebra de planejamento e não queremos isso", afirmou



Marcelo Cunha da Paz. Ceni recebeu os reforços dos meias Dodô, formado nas categorias de base do Atlético Mineiro, Wallace e do atacante Wilson às vésperas do início da disputa da Série B, que se iniciou positivamente para time e treinador, com vitória na primeira rodada. Mas ainda há muito trabalho pela frente. Um longo caminho em um novo desafio.

### **Perspectivas e reflexões**

O caminho de Rogério Ceni como treinador de futebol está só começando, mas desde o início parte de lugares em que há muita e constante pressão. Como jogador, o ex-goleiro soube lidar com tal questão em diversos momentos de sua carreira. Entretanto, por mais ascendência sobre seus companheiros que, enquanto atleta e histórico capitão do São Paulo, o treinador pudesse ter, comandar, lidar diretamente com pessoas, pensar esquemas, fazer escolhas e trabalhar a preparação diária de um coletivo são tarefas bem mais complexas.

É difícil saber se Ceni está no caminho certo, mas não se nega que há trabalho feito e ideias sendo propostas. É apressado dizer que o comandante não pensa fora da caixa, mas começa a ser notada a repetição de certos padrões de problemas, comuns aos seus períodos como comandante de São Paulo e Fortaleza. A avaliação dessas questões parece ser crucial para o acerto nos próximos passos.

Quanto ao futuro de longo prazo, o retorno ao São Paulo se apresenta, à primeira vista, condicionado à vivência de experiências positivas em outras equipes. Ser ídolo se mostrou insuficiente para a obtenção de êxito no rápido salto que o Mito fez, deixando de ser atleta e se assumindo comandante. O ídolo dos campos permanece intocável; seus feitos parecem ser à prova de balas.

O potencial ícone dos bancos de reservas precisará ser construído, passando por um processo semelhante ao de Muricy Ramalho, por exemplo (esse foi jogador, treinador de base, auxiliar, e passou por vários clubes antes de retornar e se tornar ícone histórico como técnico). Enquanto goleiro, Rogério não nasceu ídolo. Construiu sua história - disso ele entende.



# OS REIS DO LONGO PRAZO, PARTE I

Como um seletto grupo de treinadores obteve sucesso ficando décadas no mesmo clube

EUROPA | POR FELIPE PORTES

O estádio Old Trafford estava lotado para receber o último jogo em casa da temporada 2012-13. Era uma data especial. Além de levantar a taça da Premier League, oficializada semanas antes, em 22 de abril a torcida do Manchester United se despedia de Sir Alex Ferguson.

Foram 27 anos de trabalho do escocês à frente do clube mancuniano. E nesse intervalo, ele aprendeu a superar todas as dúvidas e questionamentos. Com Ferguson, o Manchester United saiu do limbo do futebol inglês para se transformar no maior campeão nacional, conquistando 13 troféus, além de duas



da Liga dos Campeões, outras singulares da Recopa Uefa, do Intercontinental, do Mundial de Clubes da Fifa, e mais cinco Copas da Inglaterra e quatro Copas da Liga Inglesa.

Emocionado, Ferguson discursou para o público presente no Teatro dos Sonhos, como também é conhecida a casa do clube mancomuniano. Dentre suas falas mais marcantes, uma, em especial, se destaca: “Eu também gostaria de lembrar que quando tivemos tempos ruins aqui, o clube ficou ao meu lado. Toda a comissão técnica e os jogadores ficaram ao meu lado. O trabalho de vocês agora é confiar no nosso novo comandante. Isso é crucial”.

O pedido de Ferguson era justo, mas os maus resultados no primeiro ano de David Moyes, seu sucessor, não convenceram a ninguém. O clube terminou a primeira temporada sem seu ícone com Ryan Giggs no banco de reservas, acumulando as funções de jogador e interino.

Mirando as quase três décadas de Ferguson no United, muitos outros clubes ao redor do mundo projetam seu futuro em longo prazo, mas acabam batendo de cara na barreira dos primeiros cinco anos ou menos.

Se os fracassos e decepções se repetem e as taças não vêm, o clamor popular é pela demissão, algo que quase sempre começa a partir da torcida. Mas afinal de contas, qual é o verdadeiro ponto positivo de se ter um mesmo homem como regente da orquestra por dez anos ou mais? O que Ferguson tinha de especial e em comum com outros reis do longo prazo no futebol internacional?

Willie Maley, Bill Shankly, Guy Roux, Brian Clough e Arsène Wenger são outras figuras que passaram por situação semelhante. Talvez a resposta do que é preciso para atravessar as décadas na mesma casamata esteja na análise de suas trajetórias.

### **Willie Maley, Celtic (1897-1940)**

O nome de Willie Maley pode até não ser muito conhecido fora da Escócia, mas o ex-meia e técnico do Celtic teve uma contribuição essencial para o sucesso e a hegemonia dos Bhoys dentro do país, em seus 43 anos no cargo. Maley jogou pelos

alviverdes entre 1888 e 1897, quando saiu de cena para se aposentar como futebolista. Logo em seguida, assumiu como técnico do time profissional e só deixou o cargo em 1940. É seguro dizer que o Celtic teve uma fase pré e pós Maley.

Com o norte-irlandês no comando, foram 16 títulos da Liga Escocesa e outros 14 da Copa da Escócia. A sua chegada, em uma era basicamente amadora, representava uma maneira diferente de treinar um time. Willie não ministrava treinos e sequer ficava à beira do campo, assistindo tudo do camarote da diretoria.

O técnico sequer mostrava sua escalação antes das partidas: por meio de publicações em jornais de Glasgow, ele indicava quem jogaria a cada rodada.

Maley deu prioridade absoluta à formação de atletas jovens, e foi baseado nessa política que o Celtic se fez gigante. Recentemente, o elenco de Brendan Rodgers quebrou o recorde centenário de 62 jogos invicto, sequência conseguida nos idos de 1917.

Apesar do aspecto inovador de sua passagem, sem falar nos numerosos títulos, Willie não era unanimidade entre os torcedores e diretores. Filho de um soldado britânico e monarquista convicto, o norte-irlandês foi o responsável por colocar uma bandeira do Reino Unido em uma das flâmulas oficiais do Celtic.

Republicanos no comando do clube de Glasgow barraram todas as tentativas de erguer um monumento em homenagem a Maley. Anos depois, um movimento de torcedores reconheceu plenamente a importância histórica do treinador e pediu que suas origens e convicções políticas fossem esquecidas em nome da gratidão por tudo que Maley havia feito.

“Não é o credo e nem a nacionalidade que contam. É o homem em si”, dizia Willie, em uma frase que foi usada mais tarde como um mantra pela torcida e até mesmo costurada na camisa de jogo do Celtic. Até hoje não existe estátua para Maley nas imediações de Parkhead ou do Celtic Park.

Foram 1611 jogos, com 1039 vitórias, 314 empates e 258 derrotas. Um aproveitamento de 64%. É comum ouvir o nome

dele ser cantado durante as partidas em casa. Apelidado de Mister Celtic, Maley deixou uma marca indelével na paixão do lado alviverde de Glasgow.

## **Bill Shankly, Liverpool (1959-74)**

Filósofo dos anos 1960, Bill Shankly não foi um treinador comum. Preparador físico e dono de um carisma inigualável, o escocês deixou o Huddersfield Town em 1959 para assinar com o Liverpool.

Quando saiu, 15 anos depois, os Reds eram uma potência internacional e em ascensão até dominar a Europa por completo. Da segunda divisão ao olimpo dos ingleses, Shankly experimentou sensações distintas até mesmo depois de se despedir, quase esquecido pela diretoria do clube que ajudou a reerguer.

A começar pelo ambiente, o comandante inspirou a todos com um objetivo ambicioso. Cada jogador que passou pelo clube em sua época tem histórias de admiração e respeito para contar.

O escocês levou o Liverpool à primeira divisão em 1962 e fez dele o imbatível campeão inglês da elite em 1964, 66 e 73. Bill também faturou duas taças da Copa da Inglaterra e uma da Copa Uefa. Ainda assim, durante esse período, a diretoria por várias vezes entrou em rota de colisão com o treinador.

A motivação era a qualidade mais notável dos grandes craques do Liverpool de Shankly. Sem apelar para estrelas e jogadores caros, o comandante fez seu nome e o dos Reds rapidamente. Não bastassem as glórias, além de tudo o time virou referência de futebol bem jogado - o treinador era um fanático pela bola e não conseguia viver sem ela.

Entretanto, os arroubos de revolta e os frequentes pedidos de demissão demonstraram esse desequilíbrio do chefe, que só saiu de fato em 1974, por cansaço, dando lugar ao auxiliar Bob Paisley. Shankly viu de fora o seu legado tomar conta da Europa nos anos seguintes.

Ele morreu em 1981, após dois ataques cardíacos severos. E em seus anos de abstinência, falhou em se afastar da sua grande



obsessão. Nos primeiros meses após a aposentadoria, Bill continuou indo aos treinos em Melwood, como se nada tivesse acontecido.

Foi preciso que Paisley pedisse à diretoria para barrar o antecessor. Isso atingiu Shankly profundamente. Ele esperava ao menos um cargo de diretor do clube, para continuar ligado ao projeto de sua vida. Com Paisley, os Reds mantiveram a força e escalaram ainda mais a montanha. Foram nove anos com o grandão no comando, conquistando seis vezes a Liga, três Copas da Liga, três Copas dos Campeões e uma Copa Uefa.

Avassalador, o Liverpool de Bob consagrou estrelas como Graeme Souness, Kenny Dalglish, Steve Nicol, Alan Hansen, Ian Rush, Steve Heighway, Alan Kennedy, Tommy McDermott, Phil Neal e David Fairclough.

Durante os quase dez anos de Paisley, o Liverpool reinou absoluto na Inglaterra e foi combatido apenas por surpresas como Aston Villa e Nottingham Forest.

A tendência era de dominação até os anos 1990, mas a geração tetracampeã europeia (que se encerrou em 1985) perdeu força e envelheceu na virada da década.

Bob, que permaneceu mais de 40 anos no Liverpool, passando por várias funções até assumir como treinador, se despediu em 1983, dando lugar ao seu assistente, Joe Fagan, assim como Shankly havia feito. Fagan, outra figura conhecida de Anfield, estava na comissão técnica desde 1959.

Campeão europeu em 1984, contra a Roma, Fagan durou apenas mais um ano, se aposentando em 1985. Apesar de nunca ter desejado assumir o cargo, foi indicado por Paisley e seguiu o trabalho que os Reds haviam construído desde os anos 1960.

Com ele, se encerrava a era dourada do Liverpool. Dalglish, que ficou por muito tempo como treinador-jogador, não obteve o mesmo sucesso. A última herança de Shankly foi uma estátua paga pela Carlsberg nos anos 1990 e um portão com o seu nome em Anfield - pouco para quem transformou a história do clube de Merseyside para sempre.

### **Guy Roux, Auxerre (1961-2005)**

Campeão entre os treinadores que mais tempo ficaram no mesmo clube, o francês Guy Roux mereceria uma matéria à parte. Lenda maior do Auxerre, muito mais do que qualquer jogador que tenha passado por lá, Roux atravessou as décadas, implacável, para conquistar quatro vezes a Copa da França.

Seus méritos, no entanto, não são tão memoráveis quanto os de Shankly e Paisley. As quatro décadas de Roux no Auxerre trouxeram boas revelações e uma atenção especial à base. Mas ao contrário do que se pode imaginar, o Senhor Auxerre foi campeão da Liga Francesa apenas uma vez, em 1996.

Ainda assim, o respaldo da diretoria era tanto, que Roux trabalhava muito perto dos jogadores, monitorando suas vidas particulares e exigindo disciplina deles. Dentre as figuras mais célebres a serem treinadas por Guy está Éric Cantona.

Talento incontrolável e intempestivo, o atacante era um dos favoritos do chefe nos anos 1980, mas nem mesmo o estilo paizão do treinador resolveu os problemas de comportamento de Cantona.



Roux tem outra similaridade com Shankly: também tirou o Auxerre das profundezas do futebol local para fazer a equipe da Borgonha integrar a elite em 1980. Uma arrancada que se deu do amadorismo ao nível de elite em menos de dez anos.

Em 1979, o valente elenco treinado por Roux buscou uma participação na final da Copa da França, perdendo apenas para o Nantes, por 4 a 1. Começava ali uma história de dedicação, à prova do tempo.

Os louros só foram colhidos na década de 1990, quando Roux já era um dos recordistas de permanência no mesmo clube. Impulsionado por grandes revelações como Jocelyn Angloma, Jean-Marc Ferreri, Cantona, Philippe Mexès, Djibril Cissé e outros coadjuvantes, o Auxerre provou que não era apenas mais um time gangorra e chegou na elite para ficar.

As boas campanhas eram frequentes. Mas será que o Auxerre poderia ser campeão de algo? Era essa a pergunta que se fazia em torno do grande e consistente trabalho de Roux, um homem que sempre estudou bastante outros treinadores em alta no futebol, notabilizado por suas viagens de carro para acompanhar jogos em outros países.



Em 1994, a França finalmente se curvou aos pés de Guy: na Copa da França, em grande estilo, os borgonheses superaram o Montpellier por 3 a 0 na decisão. Foi o pulo do gato para uma era de sucesso.

Com bem menos investimento do que os rivais, o Auxerre buscou um sexto lugar na Liga em 1994-95 e fez história na temporada seguinte. Somando quatro pontos a mais que o vice-líder Paris Saint-Germain, a equipe de Roux foi coroada campeã francesa.

Era um momento peculiar na liga local, já que o PSG finalmente via o retorno de seu investimento em craques, o Saint-Etienne estava em baixa, caindo para a segundona, e o poderoso Marseille vivia o inferno da corrupção e amargava campanhas na segunda divisão após repetidos escândalos financeiros.

Fato é que o sucesso não se restringiu à Liga. O Auxerre de Alain Goma, Taribo West, Laurent Blanc, Sabri Lamouchi, Phillipe Violeau, Corentin Martins, Lilian Laslandes e Bernard Diomède bateu de frente com a oposição para vencer outro troféu da Copa da França: desta vez, a vítima foi o Nîmes, com o placar de 2 a 1.

A dobradinha fantástica alavancou o Auxerre até as quartas de final da Liga dos Campeões em 1996-97, e as expectativas foram superadas com a liderança da fase de grupos, à frente do Ajax de Louis Van Gaal. A caminhada durou até o encontro com o Borussia Dortmund, que se sagrou campeão em cima da Juventus ao fim daquela edição. Roux chegou ao fim dos anos 1990 com a sensação de missão cumprida. E na virada para o século XXI, sentiu o cansaço de todos os anos dedicados ao esporte.

Foram duas as pausas breves para cuidar da saúde, em 2001 e 2002. Mas nem assim o Auxerre perdeu sua força. Os borgonheses levantaram outras duas Copas da França, em 2003 e 2005, contra Paris Saint-Germain e Sedan.

Roux, que havia anunciado a aposentadoria dias antes, foi ovacionado por sua torcida e jogadores na despedida. Um prêmio para quem soube se reciclar em diferentes momentos da vida no futebol.



# BORING ARSENAL

Como o time mais entediante da história do Arsenal foi forçado a mudar de estilo com Rioch e Wenger

INGLATERRA | POR MURILLO MORET

**M**ais um empate. Mais um jogo que o Arsenal faz somente um gol, desta vez fora de casa. É a 12ª partida consecutiva que um confronto dos Gunners acaba com placar mínimo ou nem isso. A felicidade de outrora é a corneta que soa em alta frequência em Norwich, com o canto de boring, boring Arsenal.

Em dois anos, o panorama do lado vermelho da cidade foi modificado. Ainda que o Arsenal seguisse como o clube com os melhores resultados de Londres, a equipe, em campo, já não conseguia produzir como na virada da década. A partida acima, em março de 1993, foi a última de uma sequência emblemática - incluindo vitórias contra Manchester City e Oldham, e derrotas para Tottenham, Chelsea, Liverpool e Wimbledon.

No biênio anterior, o técnico George Graham comemorava o segundo título dos Gunners na liga nacional em três anos. Ele conseguiu formar um time bastante coeso, que unia uma defesa excelente (sofreu 18 gols nas 38 rodadas de 1990/91) e um ataque sinistro - liderado por Alan



Smith e Paul Merson. A compra de Ian Wright na temporada seguinte, então, fez os números ofensivos melhorarem ainda mais (os gols subiram para 81 ao término do campeonato).

Eis que chegou aquele mês de março. Depois de Norwich, ocorreram derrotas para o Coventry e Middlesbrough, empate contra o United e uma vitória ante o Southampton, no Highbury. O coro de boring boring Arsenal era amplamente ouvido motivado pelas performances e, sobretudo, resultados na Premier League.

Ainda que a temporada tenha sido da inédita dobradinha na FA Cup e Copa da Liga (os Gunners foram os primeiros a conseguir a façanha), o desempenho nos pontos corridos era esteticamente questionável: segunda melhor defesa do campeonato, pior ataque e 10º lugar geral.

Graham foi contratado pelo Arsenal em maio de 1986 e conseguiu melhorar os desempenhos do clube logo no primeiro ano no comando. A liderança da liga durante o aniversário centenário do time, no Natal daquela temporada, dava indícios do que o técnico era capaz com aqueles jogadores. Já à época, porém, a mídia começava a tratar a equipe como defensiva demais.

Ainda que a linha mais próxima ao gol fosse formada por Lee Dixon, Tony Adams, Steve Bould e Nigel Winterburn, David Rocastle, Michael Thomas, Merson e Smith compensavam lá na frente. O declínio depois do título de 91 ficou cada vez mais visível.

Na temporada *boring*, o clube teve uma queda de público durante o ano. Apesar da reforma na ala norte de Highbury no início da época, os dados indicam uma variação negativa de 20% em relação a 1991/92 e de 33% para 1990/91. Durante a reta final - ou entre aquela sequência de no máximo um gol -, os torcedores deixaram de aparecer ainda mais.

Os problemas no fim da era Graham estavam em todos os lugares. Para começar, a aproximação ao *kick-and-run*, colocando a responsabilidade ofensiva no talento de Wright, restringia o Arsenal à correria nos gramados.

No extra-campo, o capitão Adams estava bebendo muito durante o período mais conturbado do técnico e ainda tinha de lidar com o interesse de Alex Ferguson; Merson revelou que estava viciado

em álcool e cocaína; e David Hillier foi flagrado roubando malas no aeroporto de Heathrow.

A chegada de Bruce Rioch em julho de 1995 (depois da demissão de Graham, que aceitou pagamentos ilegais de Rune Hauge, agente norueguês, pelas contratações de John Jensen e Pal Lydersen) moldou o caminho do Arsenal que, no ápice de sua história, alcançou o título invicto na década seguinte. Filho de um major da Guarda Escocesa, Rioch era durão. Os perfis eram semelhantes, pois os dois eram malucos por detalhes e organização; entretanto, o escocês costumava dar chance aos jovens atletas e, acima de tudo, buscava um time ofensivo.

O técnico ainda era um comandante a ser testado. Os principais trabalhos de Rioch foram no Middlesbrough, de acessos consecutivos em 1987 e 88, e no Bolton, subindo de divisão duas vezes em três anos. Ainda assim, a ideia era que ele devolvesse os Gunners, com seu jeito disciplinador e com sessões de treino intensas, às disputas de títulos com um futebol mais vistoso.

**“Eu quis deixar a era da bola longa para trás e começar a levar a bola da defesa a partir do meio-campo ao invés de simplesmente lançar.” (Bruce Rioch)**

As contratações para a época inicial do escocês sinalizavam a mudança de filosofia. Com David Platt e Dennis Bergkamp, o Arsenal indicava que queria um jogo com mais posse e, porventura, mais agressivo.

Rioch atingiu alguns objetivos, mantendo a solidez da defesa, aumentando o número de gols marcados ao fim da temporada e melhorando a posição (12º para 5º). Mas os conflitos vieram. O técnico ainda tinha dificuldade para resolver os problemas extra-campo de Adams e Merson, por exemplo – e ele mesmo afirma que não tinha competência para tal.

E então a briga com o vice-presidente David Dein rompeu a corda do lado mais fraco. Rioch não se dava bem nem com o cartola, nem com Wright. O atacante havia requisitado uma venda porque ele não era intocável no esquema. Se o goleador era a válvula de escape com Graham, a proposta do professor reduzia as ações ofensivas de Wright, cada vez menos municiado. Para o escocês, o Arsenal precisava

## relvado #2

encontrar alternativas para não depender somente de um jogador e chegou a dizer que ele tinha de olhar o ex-companheiro de Bolton John McGinley e aprender com ele.

A birra com a diretoria também envolvia o antigo treinador. Depois que Graham foi demitido, o clube limitou a influência de Rioch nas transferências. Em 1996-97, Zinedine Zidane, Paul Ince, Les Ferdinand, Frank de Boer, Jurgen Klinsmann e George Weah estavam no radar, mas o Arsenal trouxe somente um goleiro reserva - John Lukic - e um zagueiro jovem - Valur Gíslason, de 18 anos, que nunca jogou pelos Gunners.

A proposta era contratar outros jogadores com técnica mais apurada, identificando Rui Costa, Alan Shearer e Marc Overmars como candidatos em potencial. Essa criatividade era necessária, de acordo com Rioch, porque Smith tinha se aposentado, Kevin Campbell e Stefan Schwarz saíram e, enquanto a defesa permanecia sólida, a construção de jogo precisava evoluir.



Evolução ou revolução? O escocês chegou a declarar que o clube estava em evolução, apesar da demissão na pré-temporada. Quando Rioch caiu, a imprensa especulava três treinadores: Terry Venables, Johan Cruyff e Arsène Wenger. Chegou o último.

O francês foi campeão nacional e levantou taças no Japão, mas continuava sendo o mais desconhecido entre eles. Em 1996, lembre-se, a disseminação de informações não era tão simples como atualmente – Bergkamp, aliás, mal sabia sobre o boring boring Arsenal, pois havia lido poucos artigos sobre o clube, na Holanda, que suprimiram essas ideias.

**Parte da mídia batia no retrospecto de que nenhum estrangeiro teve sucesso na Inglaterra (duas experiências em quase um século de liga): Dr. Jozef Venglos - assistente tcheco na campanha vitoriosa na Euro 1976 e bronze em 1980 - assumiu o Aston Villa durante a década de 90 e foi demitido depois escapar do rebaixamento; Osvaldo Ardiles foi acusado de não se importar com a parte física do Tottenham e pensar somente no “jogo bonito” - “o pragmático londrino Garry Francis chegou depois para colocar força nas pernas dos jogadores e remover ideias extravagantes das cabeças deles”, escreveu o Observer.**

De fato, a carreira de Wenger está bastante ligada ao jogo sonolento. Porque o francês foi um marco no futebol britânico com um tipo de futebol total.

Ao ser contratado, ele tinha todo um plano montado na cabeça: melhorar os jogadores do elenco para somente depois buscar reforços, caso fosse necessário – e se fosse, estes deveriam defender com a mesma capacidade que tinham para atacar (como Kolo Touré, Edu, Gilberto Silva, Lauren e Ashley Cole) – e rebelar contra a má alimentação esportiva (era natural comer fish and chips e beber muita cerveja antes ou depois das partidas).



O treinador era a contracultura numa Inglaterra que estava atrasada na evolução do jogo. Não somente era um francês - lembre-se da rivalidade histórica entre os países - como a filosofia do clube e a rotina fora de campo foram postas em xeque. Até os anos 90, o Arsenal ainda usava um campo de uma universidade do Londres para os treinamentos.

Quando o time universitário pedia o campo às quartas-feiras, grupos de jogadores dos Gunners costumavam sair para beber na noite de terça por conta da folga no dia seguinte (ficou-se conhecido como The Tuesday Club). Era um choque bom, um espanto gostoso. Os jogadores, acostumados a treinar somente bolas paradas, estavam se sentindo bem com essa nova ideia, de trocar passes como há muito não ocorria.

Se o Invencível foi o time perfeito de Wenger, a equipe de 1997-98 já era um grupo com a cara do francês: de defesa sólida, contra-ataques rápidos sem chutões, dois centrocampistas refinados (além Patrick Vieira e Emmanuel Petit) e um meia aberto que adorava o jogo de posse (Marc Overmars).

Ao mesmo tempo, o próprio Wenger se tornou refém de si mesmo. Em dezembro de 2017, a torcida do Arsenal voltou a cantar o boring, boring.



Os jogadores gravaram uma versão de “Hot Stuff”, de Donna Summer, antes da final da FA Cup em 1998. Uma das estrofes: “continuem nos chamando de chatos; nós vamos continuar marcando.”



# A GÊNESE DO GRANDE BARCELONA

A influência do futebol total e de Johan Cruyff moldaram a filosofia do Barça na Era Guardiola

ESPANHA | POR FELIPE PORTES

**P**ep Guardiola vivia grande momento como treinador do Barcelona. Em 29 de novembro de 2010, dentro do Camp Nou, aplicou uma goleada sobre o maior rival, o Real Madrid, por 5 a 0. Foi uma atuação sublime e um recado a José Mourinho, comandante madridista: o tiki-taka era o futuro e o português precisava se reciclar.

No caminho para ser lembrado como um dos times mais fascinantes da história, o clube catalão teve em Pep Guardiola seu último revolucionário, aquele que impôs um estilo já conhecido da torcida, mas de uma maneira atualizada com o futebol que se jogava nos anos 2000.



Impactante e dominador como foi, o Barça de Lionel Messi, Xavi e Andrés Iniesta mandou no mundo entre 2009 e 2011, conquistando a Liga dos Campeões duas vezes e botando medo em qualquer adversário. Ainda que se diga que o time de 2015, campeão europeu com Luis Enrique, tivesse bebido da mesma fonte de inspiração, a versão 2010-11 é a que deixa mais saudade.

Engana-se quem pensa que o passo foi dado no momento em que Guardiola deixou o time B catalão para assumir a equipe principal. A gênese do Barcelona enquanto potência europeia e detentor de grandes talentos remete ao ano de 1988, quando Johan Cruyff retornou para ser o mentor de uma guinada que mudaria para sempre a história do clube.

### **Movido por ideais revolucionários**

Cruyff, que havia completado três anos como treinador, iniciou sua trajetória no banco de reservas do Ajax, anos depois de devolver aos holandeses um lugar entre as grandes forças continentais.

Em 1985, assumiu os ajacieden e saiu três temporadas depois, com dois títulos da Copa da Holanda e um da Recopa Uefa. Mas Cruyff, assim como nos tempos de jogador, não aceitava ser desafiado nem mesmo pelo presidente.

Após meses de desentendimentos com o alto comando do clube da capital holandesa, blefou sobre pedir demissão para conseguir uma renovação de contrato mais lucrativa. Além disso, a constante demanda por um modo de gestão mais profissional irritou o então presidente do Ajax, Tom Harmsen. A diretoria, cansada dos desmandos e da teimosia de Cruyff, aceitou e encerrou a última passagem oficial do ídolo pelos *Godenzonen*.

Aquele Ajax renovado era, de fato, muito promissor. E seguia à risca a filosofia cruyffiana, que por sua vez era uma semente do futebol total praticado desde os tempos de Rinus Michels, por Holanda, Ajax e Barcelona, todos estes na década de 1970.

Cruyff entendia o futebol de uma maneira mais simples. No entanto, há aí uma espécie de paradoxo, um dos favoritos do

holandês: não há tarefa mais difícil do que essa, de fazer o jogo transcorrer facilmente, com toque de bola, posse e domínio completo do adversário.

O Ajax de Johan tinha uma estrutura bem definida: três defensores com mobilidade; um volante bem à frente da zaga com excelente capacidade de passe e visão de jogo; dois meias centrais responsáveis pela distribuição e alcance aos homens de frente; um atacante mais habilidoso para jogar atrás do centroavante e dar o último passe; dois pontas colados nas linhas laterais e um legítimo camisa 9, com faro de gol e de preferência que soubesse driblar e finalizar sem destoar do ritmo dos demais.

O futebol não era o mesmo dos anos 1970. As exigências físicas eram cada vez maiores, a velocidade aumentava progressivamente. Times como aquele encaravam o jogo com agressividade e intensidade. Ou em termos mais simplificados: todos atacam e todos defendem.

### **Mas o que é o Futebol Total?**

É aí que chegamos ao conceito filosófico do Futebol Total. Não se trata de um estilo rígido e limitado como o catenaccio, nem tampouco pode ser visto como a necessidade básica de ficar com a bola a todo tempo. Cruyff deixou vários registros a respeito de como planejava suas equipes e sobre o Futebol Total, propriamente dito.

As goleadas e placares elásticos são apenas um sintoma do comportamento agressivo que o Ajax demonstrava em seu auge e na segunda passagem de Cruyff como jogador. Como técnico, o ex-camisa 14 aplicou esses ensinamentos, remodelados, de forma que um novo grupo de talentos estourou definitivamente nos anos 1990.

Seu sistema tem uma formação-base, mas não restringe adaptações. Contudo, é impossível praticá-lo sem que haja uma preparação desde as equipes juvenis. Johan repassou seus conhecimentos a sucessores e ex-jogadores do Ajax, que fomentaram essa visão nos garotos das categorias infantis e juvenis.

Essa prática pretende formar jogadores completos, que pensam o futebol de uma maneira mais objetiva e, pelo que entendia Cruyff, certamente mais madura. Ao preparar o indivíduo, não o coletivo, o Ajax desenvolveu bem mais a criatividade, o dinamismo e a mentalidade de cada jogador.

No mínimo, formam-se atletas acima da média. Quem sai, rende algum dinheiro ao clube. Os que ficam, do contrário, podem ambicionar glórias maiores do que a Eredivisie. Ainda que o produto final seja um time altruísta e regido quase que por música, um garoto qualquer que chega à base do Ajax tem muito mais chance de se transformar em uma estrela no time profissional.

A preocupação com os mais jovens não é a de transmitir conteúdo tático ou sistemas de jogo que serão usados no futuro. O desenvolvimento é a palavra-chave. E poucos clubes no mundo contam com tanta expertise no assunto como o Ajax, que nos anos 2000 colocou vários craques do passado para instruir e ensinar o caminho aos astros do futuro. Uma relação duradoura entre tutores e aprendizes.

### **1988: A nova era Cruyff**

O ano era 1988. Cruyff, de saída do Ajax, planejava seguir sua carreira como técnico. E tinha muito o que dizer e fazer durante a empreitada. Os planos para tirar o Barcelona do buraco eram ousados.

Para começar, os catalães se endividaram e não viam em campo um retorno para o investimento. O time era comum, os resultados eram péssimos e a autoestima blaugrana estava em queda livre. Isso obviamente feriu a identidade do Barcelona, que precisava de um chacoalhão para retomar o caminho das glórias.

Cruyff sempre foi uma personalidade capaz de mudar um cenário em poucos instantes. Um exemplo clássico disso aconteceu em 1980, quando ele estava de folga e compareceu ao De Meer (antigo estádio do Ajax) para prestigiar uma partida da Copa da Holanda. O Ajax perdia para o Twente por 3 a 1 e jogava feio demais para quem varreu a Europa na década anterior.

Da arquibancada, Cruyff acompanhou incrédulo a destruição de tudo aquilo que havia sido feito na sua época. Incomodado e flagrado por câmeras de TV, o gênio desceu de onde estava, deu a volta por dentro do estádio e entrou pelo túnel de acesso usado pelos jogadores. Foi direto ao banco de reservas.

Leo Beenhakker, técnico do Ajax naquela ocasião, já não sabia mais o que fazer. [Eis que surge Cruyff, como um raio, para discutir o jogo, que rolava diante dos olhos de ambos.](#) Johan deu alguns palpites, sugeriu mudanças radicais e corrigiu alguns defeitos, além da entrada de um jovem Frank Rijkaard no segundo tempo.

O que se viu depois disso foi uma virada incrível, no estilo clássico dos holandeses: 5 a 3, fora o baile. Ajax classificado. E Cruyff, orgulhoso, explicou à imprensa o que havia feito para tirar o time do sufoco. Ao seu lado, um constrangido Beenhakker só ouvia e balançava a cabeça, sem dizer nada.

A questão é que o Barça precisava de um choque de realidade. E ninguém melhor do que Cruyff para chegar abalando as estruturas. Primeiro, uma limpa no elenco profissional. Depois, uma completa reformulação das canteras. Ao lado de Carles Rexach, seu assistente e ex-companheiro nos tempos de jogador, inspirou novos ares em La Masia.

Quando Cruyff concentrava seus primeiros esforços, Pep Guardiola ainda era um garoto que se destacava no terceiro escalão do Barça. Em 1990, deu um salto ao primeiro time, incentivado por Rexach. E só saiu em 2001, consagrado como prata da casa e de enorme importância na estrutura do Dream Team.

Da terra arrasada ao título europeu de 1992, o Barça progrediu demais. Venceu quatro vezes a Liga Espanhola, uma Copa do Rei e uma Recopa Uefa, dominando a Espanha na primeira metade dos anos 1990.

Estabelecida a filosofia cruyffista, o Barça tinha jogadores de alto nível lançados ao profissional, além de um seleto trio (eventualmente quarteto) de estrangeiros como a cereja do bolo: Ronald Koeman, Michael Laudrup, Hristo Stoichkov e depois

Romário foram os astros que projetaram um time fortíssimo dentro e fora da Espanha, baseados nos preceitos que Cruyff exigia nos vestiários e treinamentos.

O Dream Team, que teve diversas versões entre 1990 e 96, pode não ter obtido o mesmo sucesso do Grande Ajax. Mas não ficava devendo em questão de estilo ou de competitividade. Oito anos depois, desgastado com a diretoria (outra vez), Cruyff se despediu do Barcelona. A semente já estava plantada.

### **Doze anos de solidão**

Da saída de Cruyff até a chegada de Pep Guardiola como técnico, passaram-se doze anos. Tempo suficiente para ver várias transformações em curso no Camp Nou.

Louis Van Gaal e Frank Rijkaard, conterrâneos de Cruyff, deram sequência à incorporação da escola holandesa, mas mesmo quando vencia, o Barcelona não demonstrava a excelência de outrora.

Esqueça o Barcelona holandês do fim dos anos 1990. A chegada de Louis van Gaal pouco fez para preservar a essência do que Cruyff havia deixado como legado. Contrariando e substituindo o próprio mestre, Louis montou um time que, no papel, deveria ser a evolução natural do fascinante Dream Team.

Dois fatores pesaram para que Van Gaal fosse desprestigiado: o primeiro foi a alta exigência, de acordo com os padrões da Era Cruyff. Não bastava ganhar, era necessário ser espetacular. Nesse ponto, os catalães não conseguiram dar cabo com a mesma competência.

O segundo fator foi a concorrência. A rivalidade com o emergente Valencia e com o estupendo Real Madrid na virada do século tornaram as coisas bem difíceis para o Barça, que deixou de ser a força dominante na Espanha e viu o Real impor seu domínio financeiro e desportivo.

Por mais que a base do time fosse praticamente a mesma da seleção da Holanda daquele período, o futebol blaugrana não



encantava mais. E os numerosos holandeses, que desembarcaram para consolidar a proposta vangaalista, ficaram menos tempo do que o esperado, conquistando duas vezes a Liga até a virada para o século XX.

O Barça vangaalista tinha um compilado dos melhores holandeses da época. Ronald e Frank De Boer, Patrick Kluivert, Michael Reiziger, Winston Bogarde, Boudewijn Zenden, Philip Cocu e Marc Overmars (que chegou em 2000, após a saída de Van Gaal). Em tese, era um elenco para massacrar os rivais e fazer bonito na Europa.

Na prática, crises internas (como em Rivaldo x Van Gaal), duas eliminações nas oitavas de final e uma nas semis da Champions, em 2000, para o Valencia, com direito a surra por 4 a 1 para os alvinegros na ida. Os rivais nacionais, com elencos igualmente competitivos, se equipararam ao Barça, que perdeu força e relevância.

Além disso, a política de contratações milionárias se contrapunha à formação de novos talentos vindos da base. O plano não era de gastar e ter retorno, mas sim de tornar o futuro mais sustentável dentro da filosofia que norteava o clube.

Assim, Van Gaal acabou sendo o bode expiatório desses anos abaixo da crítica. Só que o buraco era bem mais embaixo.

De maio de 2000 até junho de 2003, o Barça teve Lorenzo Serra Ferrer, Rexach, Van Gaal (novamente) e Radomir Antic no banco de reservas. E não conquistou nenhum título nesse intervalo. A decepção só escalava, com trocas e confusões de gestão. Coube a outro holandês tirar o time da miséria: Frank Rijkaard.

Por cinco anos, o técnico trabalhou melhor a questão do desenvolvimento individual e colheu os frutos de uma geração incrível vinda de La Masia – sem falar em Messi, astro que explodiu na segunda metade da década de 2000.

Rijkaard fez a lição de casa, faturando duas Ligas e uma Champions. Mais importante: recolocou o Barça nos trilhos para dominar o mundo outra vez.

Questão de estilo? Na primeira temporada de Rijkaard, o time arrancou do fim da tabela até o vice-campeonato do Espanhol. A guinada fortaleceu o ambiente para a sequência do trabalho. Um outro holandês serviu de pilar para o Barça: Giovanni van Bronckhorst, vindo do Arsenal.

Os astros da companhia, desta vez, vinham de outros países, como Ronaldinho, Deco, Samuel Eto'o, Henrik Larsson, somando-se às pratas da casa, Xavi, Iniesta e Carles Puyol. Messi, desde muito jovem nas categorias de base, perseverou e foi o melhor substituto possível para um Ronaldinho decadente em seus últimos anos no Camp Nou.

Seria possível continuar o trabalho de Rijkaard, mas de maneira que o clube respeitasse sua essência e necessidade em ser atraente? O holandês deixou o barco para dar lugar a outra revolução.

Em 2008, com o título nacional dos madridistas, veio também uma goleada no clássico, por 4 a 1. Rijkaard saiu por baixo, menosprezado pelo que havia construído. Nos melhores momentos, o técnico aplicou os ensinamentos de Cruyff, reduzindo totalmente o campo adversário com pressão alta e recomposição na defesa (que de maneira fluída, poderia se proteger com cinco atletas quando atacada), forçando os rivais a tocar a bola mais rapidamente e cometendo mais erros.

Os princípios cruyffistas estavam preservados, afinal, todos atacavam e todos defendiam, como mandava a cartilha consolidada por Rinus Michels. Os meias centrais voltavam para apoiar na marcação e cobrir as laterais em momentos de pressão.

Em uma situação de roubo de bola, o contragolpe era armado com paciência, lentidão e passes curtos. Já nessa época, com Rijkaard, o chutão era um ponto fora da curva.

Como o Barcelona de Rijkaard não dominou o futebol espanhol como se esperava, talvez essas características do Futebol Total não tivessem saltado aos olhos de quem via. O responsável por conduzir a obra a um patamar superior, no entanto, foi outro herdeiro de Cruyff.

## **A jornada de Pep**

Pep Guardiola, filho pródigo de La Masia e defensor dos ideais de seu mentor holandês, seguiu sua carreira em 2001 ao deixar o Barça e se mudar para a Itália. O talentoso volante jogou mais cinco anos depois disso e retornou para trabalhar com a base blaugrana.

Enquanto traçava seu caminho ao banco de reservas para comandar os profissionais, Pep deu sequência ao trabalho dos anos 1980. E acreditava que havia uma forma de resgatar o prestígio do clube de uma vez por todas, não só ganhar um ou dois troféus. Rijkaard conseguiu tirar o melhor de um time repleto de estrangeiros e só por isso mereceria elogios. Mas o melhor Barcelona de Rijkaard não era o sonho realizado de sua massa, tampouco a potência que se pintava com os artistas daquele elenco.

O Barça de Xavi e do jovem Messi poderia chegar bem mais longe. Foi nisso que Guardiola insistiu quando pediu passagem em 2008. Com ainda mais perfeccionismo, intensidade e métodos que chacoalharam a realidade do Barça, Guardiola não precisou de muito tempo para se adaptar ao profissional.

Logo, os resultados eram assombrosos e o jogo mudou. Não era mais um grande time que girava em torno de grandes estrelas, mas um sistema muito eficiente para potencializar a contribuição coletiva.

É certo que havia liberdade para o talento individual, mas não era essa a premissa do Barça pensado por Guardiola. Da mesma forma que o Ajax e o próprio Dream Team de Cruyff se preocupavam em ter a bola e fazer o campo ficar maior com ela, o Barça pós-2008 tinha uma obsessão ainda maior com a posse e com os espaços livres.

Tricampeão espanhol, bicampeão europeu e da Copa do Rei, Guardiola fez o mundo se encantar novamente com os blaugrana. Não com a alcunha de Dream Team, restrita aos astros internacionais. Mas com uma seleção internacional, fruto da escalada da globalização no futebol.

Muita gente se rendeu ao sucesso do tiki-taka, do futebol bonito, do controle absoluto, da seriedade e do Guardiismo em seu estágio inicial. O mais curioso é que, enquanto seus antecessores ganharam troféus e preservaram um estilo característico, Guardiola continuou se renovando e aprendendo.

Ainda que o Barcelona de 2008 a 2012 não tenha sido tão mutante, a imposição de estilo era clara. [Perdemos as contas das goleadas e das atuações sublimes, verdadeiras aulas de futebol.](#)

Você pode até não se encantar com o exagero das estatísticas de posse de bola e da movimentação alucinante, mas negar que o Barça de Guardiola foi o último grande time original talvez seja fechar os olhos para a revolução promovida por Pep. E a mudança ainda está em curso, como se viu nas passagens do treinador por Bayern e Manchester City.

**O repórter Marcelo Bechler, do Esporte Interativo, vive em Barcelona e acompanha o clube quase que diariamente: “Ele (Cruyff), Guardiola e o clube em si acreditam que o caminho mais curto pra vencer é jogar bem. E todo jogador quer jogar bem. A filosofia é essa. O resto é metodologia. Eles criaram inclusive essa ‘obrigação’ do time dar espetáculo. Todos os torcedores, sócios, jornalistas locais, não entendem o futebol como algo aguerrido, burocrático, chato. Você precisa se divertir. Por isso o Barça tem uma filosofia. Não porque joga no 4-3-3. Esse é o legado do Cruyff. É difícil ter pensadores, gente que faça diferente, que veja diferente. E Barcelona sempre foi o lugar pra isso. Em todos os sentidos. Gaudí, Dalí, Miró... Arquitetura, arte, história. A cidade sempre carregou uma ode ao vanguardismo”, arrematou.**



# OS REIS DO LONGO PRAZO, PARTE II

Como um seletto grupo de treinadores obteve sucesso ficando décadas no mesmo clube

EUROPA | POR FELIPE PORTES

## **Brian Clough, Nottingham Forest (1975-93)**

**F**alastrão, motivador e bem relacionado com seus jogadores, em linhas gerais, Brian Clough surgiu como um fenômeno na Inglaterra, anos depois de ter sua carreira como centroavante brutalmente encerrada por lesões no joelho.

Clough, dono de frases fáceis e de façanhas embasbacantes, levou os rivais Derby County e Nottingham Forest ao topo, sem precisar causar nenhuma revolução. Seu primeiro grande trabalho foi no Derby, de 1967 a 73, quando tirou o time alvinegro da segunda divisão e o levou ao título nacional em 1972.



Ao lado do inseparável Peter Taylor, seu amigo e assistente, Brian era conhecido pela maneira como remodelava os clubes por onde passava, profissionalizando a estrutura e montando o elenco a seu gosto. Como Clough era teimoso e procurava fazer tudo do seu jeito, isso trouxe problemas com a diretoria em diferentes momentos.

Depois que foi alçado ao posto de grande treinador do país, Clough pedia contratações de impacto, mas lidava com a austeridade diretiva do presidente do Derby, Sam Longson. Pouco depois de levar o time do nada até as quartas de final da Copa dos Campeões Europeus, o treinador foi demitido por Longson. As contratações e negociações caras, à revelia do presidente, custaram a cabeça de Clough e Taylor.

Todos conhecem muito bem o capítulo seguinte da carreira de Clough: a passagem relâmpago pelo Leeds, que acabou em 44 dias, com rixas pessoais entre o técnico e os jogadores. O legado de Don Revie, considerado por Brian um mentor do “jogo sujo e violento”, pesou para que o elenco tomasse uma posição contrária a de Clough desde o princípio. Afinal de contas, ele vinha criticando-os desde os tempos de Derby.

Um ano se passou desde a demissão de Clough no Leeds. Assumindo o Nottingham Forest na segunda divisão, em 1975, o comandante encontrou um clube em frangalhos, largado às moscas e prestes a cair para o terceiro nível nacional. Com paciência e reforços pontuais de jogadores nos quais confiava, Clough montou lentamente a base de um esquadrão campeão.

Viv Anderson, Ian Bowyer, John Robertson, Martin O’Neill e Tony Woodcock já estavam no Forest, mas sem a devida moral que teriam anos depois, sob a batuta do chefe. Além das quatro estrelas em potencial, Brian contou com as chegadas de John McGovern, Frank Clark, Peter Withe, Garry Birtles, Larry Lloyd e Peter Shilton para consolidar o plano em longo prazo.

O Forest sobreviveu à segundona, foi promovido como vice-campeão em 1977, conquistou a Liga em 1978 e depois alcançou o épico bicampeonato europeu em 1979 e 80, contra Malmö e Hamburgo. O milionário Trevor Francis, que chegou por 1 milhão

de libras em 1979, meses antes da primeira decisão europeia, foi a cereja do bolo de uma agremiação que cravou sua bandeira no cume da montanha do futebol europeu em pouquíssimo tempo.

Clough tinha uma marca muito clara que ajuda a explicar o seu sucesso. A relação de proximidade com os jogadores. Mesmo durante seus anos mais deprimentes, Brian os tratava como parte da família.

Obviamente, alguns deles não se sentiam tão à vontade, como o escocês John Robertson, que durante muito tempo admitiu o incômodo e a intimidação a que foi sujeitado na convivência com Clough.

A proposta do Forest sempre foi a de jogar no chão, com triangulações e trocas de passe para explorar a extensão do campo. Mas foi a consistência e a regularidade que fizeram do time um grande campeão de seu tempo.

Os Reds de Nottingham não voltaram a ser campeões da Liga, mas duraram algum tempo permaneceram entre os principais candidatos ao título inglês.

Clough lidou com a escassez de recursos para manter o nível, mas não conseguiu retomar nos anos 1980 a forma que o fez famoso e bicampeão continental.

Foram quatro taças da Copa da Liga, duas da Full Members Cup, uma taça do Centenário da Football Association e um doloroso rebaixamento em 1993, justamente na aposentadoria de Clough, após 18 anos. E o último gol desse Forest na Premier League foi marcado justamente por Nigel Clough, seu filho e atacante.

Sem Peter Taylor, que rompeu a parceria ainda nos anos 1980 e morreu em 1990, Clough não foi a sombra de seus melhores anos. Entregue ao alcoolismo, não demonstrava mais a energia e a audácia de outrora.

A grande injustiça, talvez, seja o fato dele jamais ter passado perto de treinar a Inglaterra, já que seu perfil espalhafatoso e sincero demais não agradava os dirigentes da FA.



## **Alex Ferguson, Manchester United (1986-2013)**

A Escócia jogava a sua vida contra Gales, em setembro de 1985, para conseguir uma vaga na repescagem contra a Austrália, de olho em uma vaga na Copa do Mundo de 1986.

Os galeses saíram na frente e tomaram o empate graças a um pênalti restando nove minutos para o fim.

O gol, que salvou os escoceses, foi o suficiente para provocar um infarto fulminante de Jock Stein, comandante da seleção de seu país. A saúde de Stein, um ícone local, já estava bastante comprometida. Aquele gol de Davie Cooper trouxe uma carga surreal de emoção ao velho, que não resistiu e morreu ainda nos vestiários.

O assistente de Stein naquela época era um tal Alex Ferguson, que dividia a função internacional com o comando do Aberdeen. Ele assumiu o cargo e conduziu o time na Copa do Mundo do México, caindo na primeira fase.

O choque pela perda de Jock foi imenso, mas Ferguson se reergueu. Dentro de um ano, Alex foi parar no Manchester United.

Anos antes, em 1983, Ferguson levou os Dons ao título da Recopa Uefa contra o poderoso Real Madrid. E deixou o futebol escocês credenciado por três títulos da Liga, quatro da Copa da Escócia e outro na Copa da Liga. A façanha europeia colocou Alex no radar de grandes clubes ingleses.

Por honrar a relação com Stein, Ferguson comandou a Escócia no Mundial e já se sabia que ele não ficaria mais tempo à frente da seleção. Em novembro de 1986, Ron Atkinson deixou o United durante uma campanha digna de rebaixado na Liga. Alex chegou para mudar a história dos Red Devils.

Pegando o time na zona de rebaixamento, Ferguson implantou uma filosofia baseada na disciplina e no bom comportamento. Tirou vários atletas do alcoolismo para fazer a engrenagem voltar a funcionar. De cara, terminou a Liga em 11º lugar.



A espera pelo título, no entanto, durou mais quatro anos. Embora fosse visível a melhora técnica sob Ferguson, o United só levantou a sua primeira taça com ele em 1990, na Copa da Inglaterra, contra o Crystal Palace, após replay.

Em Wembley, os times empataram em 3 a 3, provocando jogo extra. Lee Martin fez o gol solitário em 17 de maio e deu a taça aos Red Devils, que estavam na seca desde 1985. O impulso da taça de 1990 fez com que o modelo Ferguson ganhasse força. O escocês tinha respaldo para seguir no comando e foi mudando completamente o panorama em Old Trafford.

Ninguém poderia imaginar o enorme sucesso que viria depois. O treinador dominou a estrutura da agremiação, se afirmando como um manager, e empilhou taças, somando recordes e contratando peças fundamentais.

Além disso, Fergie revelou uma geração tão talentosa como a de 1992, quando David Beckham, Paul Scholes, Ryan Giggs, Phil e Gary Neville e Nicky Butt saíram da base para estourar no time principal ao longo da década.

Ferguson era respeitado e temido na mesma proporção. Seu estilo linha-dura e exigente rendeu algumas histórias como o estopim para a saída de Beckham para o Real Madrid, em 2003. Irritado com uma derrota na Copa da Inglaterra, Alex deu um pontapé em uma chuteira no vestiário e atingiu o rosto de Beckham.

Outra lenda comum sobre o Manchester United de Fergie é o apelido de “secador de cabelo”, dado pelo fato do chefe abusar da gritaria na cara de seus jogadores nas broncas de vestiário.

O mito de Fergie também gira em torno dos famosos gols no fim do segundo tempo (o que acabou conhecido como Fergie Time), das tríplices coroas, da coesão de elenco e da qualidade mostrada pelo time do início ao fim dos 26 anos, sem que houvesse um período de franca decadência.

E em resultados, nenhum foi tão bem sucedido quanto ele: 13 taças da Premier League, cinco da Copa da Inglaterra, quatro da Copa da Liga Inglesa, duas da Liga dos Campeões, dois Mundiais, uma Recopa Uefa e a honra de ser, de longe, o maior nome do período dourado dos Red Devils.

A história do Manchester United se escreve mais ou menos como a história da humanidade: antes e depois de Ferguson.

## **Arsène Wenger, Arsenal (1996-2018)**

Quando um certo cidadão de Estrasburgo se dividia no papel entre zagueiro e treinador, muita gente ao redor dele percebeu a aptidão para a profissão.

Seu primeiro trabalho efetivo aconteceu no Nancy, em 1984. Arsène Wenger pedia passagem para transmitir seus ensinamentos e sua sabedoria de futebol.

O Nancy tinha pouco ou nenhum dinheiro para contratar, o que levou o alsaciano a experimentar suas teorias de preparo físico, psicologia e alimentação. Ao alterar a maneira como seus jogadores comiam antes e depois das partidas, Wenger descobriu uma vantagem física.

O rebaixamento era uma realidade e a equipe lutou contra isso durante os três anos em que Wenger esteve no comando. Algo nele chamava a atenção, talvez a habilidade de tirar o melhor em um cenário arrasado. Com essa premissa, o emergente Monaco queria montar um elenco forte e rico para dominar a França. E Wenger foi o escolhido para a missão.

Estilo ele já tinha. Apaixonado pelo futebol total da Holanda e pelo Borussia M'Gladbach da década de 70, Arsène levou seus ideais para o Monaco. Estrelas como Mark Hateley, Glenn Hoddle e Patrick Battiston se juntaram ao clube do principado.



A equação “filosofia de jogo + material humano” é certeza de bons resultados? Talvez. Em 1987, o Monaco disparou para vencer a Liga, logo na primeira temporada com Wenger. O reinado parou por aí. Mesmo com a chegada de outros craques de nível internacional, os monegascos repetidamente bateram na trave na hora de avançar no projeto.

O segundo e último título de Arsène no Monaco foi em 1991, com a Copa da França, contra o Marseille. As campanhas, ainda que satisfatórias, não alcançaram o objetivo maior da gestão: títulos e dominância em território nacional.

Visado desde o fim dos anos 1980 pelo Arsenal e pelo Bayern, Wenger tomou um rumo inesperado em sua carreira. Foi para o futebol japonês, treinar o Nagoya Grampus.

O período foi curto e o ensinamento ficou: o Grampus venceu a Copa do Imperador em 1996. Mais tarde no mesmo ano, no início da temporada europeia, Wenger finalmente aceitou a proposta do Arsenal, feita por Bruce Dein.

O clube londrino sofria com um futebol maçante e o dono do cargo de treinador, Bruce Rioch, não era o favorito da diretoria, ou de Ian Wright, um dos craques da companhia. Para redimir os Gunners de sua própria miséria, o alsaciano foi para a Inglaterra com um plano, um grande plano.

Os diretores da época e os próprios jogadores reconheceram que o projeto iria alterar a maneira de jogar e de competir do Arsenal. Mas assim como quando Ferguson chegou ao United, ninguém esperava tamanho sucesso.

Com liberdade, o elenco respondeu positivamente. Os anos medíocres e longe da briga por títulos terminaram na primeira campanha de Wenger em Highbury. O terceiro lugar, ainda que representasse a ausência da Liga dos Campeões, incendiou os ânimos. Em 1997-98, Wenger contou com a inspiração de Dennis Bergkamp para dominar a Premier League, superando o Manchester United por apenas um ponto. E a dobradinha veio na Copa da Inglaterra, diante do Newcastle.

O pico de Wenger foi a incrível jornada dos Invincibles, no seu terceiro título da Premier League. O Arsenal fez o seu máximo e entrou para a história do campeonato sendo vencedor de maneira invicta. Thierry Henry, Fredrik Ljungberg, Robert Pirès, Patrick Vieira, Gilberto Silva, Ashley Cole e Jens Lehmann eram os astros eternos da conquista.

Acima da preocupação de vencer, o Arsenal queria continuar jogando e encantando o público. Em 2006, em feito sem precedentes, o clube chegou à final da Liga dos Campeões, mas teve um pouco de azar na final em Paris, caindo perante o Barcelona de Frank Rijkaard, por 2 a 1, de virada.

As despedidas de seus medalhões, como Pirès, Bergkamp, Vieira e o próprio Henry mataram as esperanças de que a façanha se estendesse ao nível europeu. Depois daquela decepção

vivida na capital francesa, o Arsenal não conseguiu retornar a outro momento de protagonismo. Seis vezes campeão da Copa da Inglaterra, Wenger insistiu demais em jovens desconhecidos e pagou o preço por não investir na renovação de um elenco desmotivado. Por esse motivo, deixou de ser competitivo e repetiu campanhas medianas na Premier League.

Ainda que o panorama seja bem distante dos tempos do Boring Arsenal (como conta Murillo Moret nesta mesma edição da Relvado), os Gunners se acostumaram com os tempos de Invencibles, criando uma ilusão de que era possível jogar bem e ganhar campeonatos para sempre. O tempo foi implacável com Wenger e sua zona de conforto. Há muito tempo, nas arquibancadas do Emirates, parte da torcida clama pela sua saída. A mesma que empurrou o time nos anos 2000 e que não tolera mais o marasmo e as derrotas em partidas importantes.

David Dein, ex-vice-presidente do Arsenal e responsável pela contratação do francês em 1996, pode explicar melhor a decadência do treinador e do próprio clube. Em entrevista à BBC, Dein foi simpático a Wenger:

**“De alguma forma, acredito que ele seja uma vítima do próprio sucesso. Ganhar troféus o elevou a um outro nível, e as expectativas da torcida ficaram muito altas. Eles querem taças e eu entendo isso, afinal, também sou um torcedor. Mas na Premier League, outros 19 clubes querem a mesma coisa. Ninguém mais do que Arsène quer vencer. Ele continua competitivo, mas tirar o talento necessário para essa tarefa é mais difícil do que parece”.**

De certo, o Arsenal de hoje é bem menos eficaz e respeitado do que o de 2004. Às vésperas do fim de uma temporada frustrante, Wenger recebeu o último aceno e deixará o clube. Enquanto a nostalgia ainda não toma conta, o movimento “Wenger Out” ainda é uma tendência forte no Emirates Stadium. Desejo atendido.



# POVO NAS RUAS, CRIMEIA E DONBASS

Desde 2014, com a instabilidade pela qual passa a Ucrânia, a vida do Shakhtar Donetsk se tornou muito mais difícil

UCRÂNIA | POR WLADIMIR DIAS

**A** Ucrânia vive em clima de permanente tensão. A bem da verdade, as questões conflituosas permeiam o dia a dia da nação há tempos - ou desde sempre. A divisão entre os apoiadores do governo russo e os defensores de uma proximidade maior com a Europa é flagrante.

Entretanto, concretamente, as agitações se acirraram no final daquele ano, com a tomada das ruas de Kiev por parte da população. A onda de manifestações, conhecida como Euromaidan (Europraça, em português) eclodiu em 21 de novembro, na





Praça da Independência. Naquela altura, a insurgência se deu em razão do cancelamento da assinatura de um acordo com a União Europeia (UE), em prol de um alinhamento ainda maior com a Rússia, do presidente Vladimir Putin.

### Entre os lados

Três dias depois do início das agitações, o jornal português Público indicou que mais de 100 mil pessoas haviam tomado as ruas da capital ucraniana. Brandindo bandeiras da UE, o povo foi à luta como não se via desde 2004 - ocasião da eleição polêmica, marcada por acusações de fraude eleitoral, coação e corrupção, do presidente Viktor Yanukovich e que ficou conhecida como Revolução Laranja.

A reclamação era clara: há na Ucrânia uma parte da população que se recusa terminantemente a aceitar a forte influência russa; uma gente que se fartou do que aconteceu durante o período soviético, e que se identifica e torce para que seu país se alinhe cada vez mais com o bloco europeu. A decisão de Yanukovich não só virou as costas para o continente, como ainda aproximou os ucranianos da União Aduaneira, por meio da qual a Rússia pretende deixar os países próximos de si debaixo de suas asas.

Os conflitos entre Rússia e Ucrânia existem desde a independência da última e o fim da URSS. Ainda que o governo nacional tenha ganhado autonomia, era e continua sendo impossível pensar a vida político-econômica ucraniana independente de sua antiga pátria-mãe. Um contingente representativo das exportações do país vai para território russo, o maior comprador, seguido de China, Egito, Turquia e Polônia (produtos de girassol, milho e serviços de TI lideram a lista de exportações, segundo dados levantados pelo Kyiv Post, em 2015). Isso tudo entra na mesa de negociações sempre que os países e membros da União Europeia estão em debate.

Por isso, o medo das retaliações da Rússia, que por outro lado também é importante fonte de importações dos azuis e amarelos, é uma constante no país - temor este que condiciona ações governamentais em território extra-russo. Porém, não é só isso: a corrupção é tema cotidiano na região. A Rússia foi a

45ª colocada no ranking de corrupção feito pela Transparência Internacional, em 2017; a Ucrânia ficou com a 50ª colocação entre os 180 países do índice.

Ainda que não se possa, levemente, fazer acusações específicas a respeito de casos de corrupção, é certo que uma cortina de fumaça paira no céu daquela parte do Leste Europeu.

### **Winter on fire, "Ucrânia é Europa"**

Foi diante dessa situação que o levante kievano se deu. Em 2015, o título de um documentário produzido pela Netflix definiu, com precisão, a situação que se viveu entre 21 de novembro de 2013 e 23 de fevereiro de 2014. O *Winter on Fire* foi um dos mais quentes invernos da gélida nação.

Fique claro: a população ucraniana está longe de formar um sólido levante pró-União Europeia. As proporções que defendem os dois lados da influência sobre o país tendem a se dividir em metades equiparáveis, sendo fortes, por exemplo, os argumentos que envolvem um certo sentimento de similitude de origens, idioma, cultura e identidade com a Rússia.



Em que pese tal fato, as ruas se mobilizaram em prol do alinhamento ao bloco. Motivados pelo lema “Ucrânia é Europa”, os manifestantes definiram um objetivo: a deposição de Yanukovich. Vale mencionar, também, que àquela altura o país convivia com uma crise energética.

**As conflituosas relações entre russos e ucranianos tinham conduzido o país revoltoso ao cancelamento da compra de gás vizinho. Segundo informou o Estadão, em 2015, a Ucrânia precisa de 9 bilhões de m<sup>3</sup> de gás por mês e produz apenas 1,7.**

Símbolos do comunismo foram atacados durante a onda revolucionária. Uma estátua de Lenin acabou derrubada e no final do ano se exigia a feitura de eleições antecipadas e reforma constitucional, limitando os poderes do mandatário. Aos poucos, o castelo de cartas de Yanukovich foi caindo.

O primeiro atingido foi o prefeito de Kiev, Alexander Popov, destituído pela violência contra os manifestantes. A seguir, o Primeiro-Ministro, Mykola Azarov, renunciou. Logo, o Parlamento aprovou a anistia de todos os detidos durante a Europraça.

A pressão sobre Yanukovich, que vinha da Europa, da Rússia e das ruas, ganhou mais um componente: o exército. Com o país cada vez mais descontrolado (os conflitos estavam rompendo as fronteiras da capital), em 21 de fevereiro, finalmente, foi assinado um acordo para finalizar a crise interna - que custou quase 100 vidas. Porém, no dia seguinte, o presidente acabou fugindo para a o território russo.

### **A guerra de Donbass**

Incorre em grave engano aquele que pensou que o país entraria nos eixos. As diferenças étnicas, de idiomas e cultura ficaram mais evidenciadas após os protestos. As discordâncias entre leste, de população majoritariamente russa, e oeste, mais miscigenado, ficaram escancaradas. Veio, então, o referendo que culminou com

a anexação da Crimeia pela Rússia. Foram propostas algumas saídas diplomáticas entre os governos europeu, norte-americano e russo. Nada feito. A região, de maioria étnica russa, acabou de fato anexada (o referendo teve 96,77% de votos favoráveis à junção), acirrando ainda mais os ânimos locais. E é aí que entra a cidade de Donetsk.

Também lotada no leste do país, a cidade que dá casa ao Shakhtar sofreu sua primeira ofensiva em 12 de abril de 2014. Na ocasião, manifestantes pró-Rússia tomaram o prédio da polícia na cidade - ato que a capital considerou terrorista. Nos dias seguintes, um acordo de dissolução desses grupos foi assinado mediante anistia, contudo, os próprios envolvidos não aceitaram o pacto. As tensões se mantiveram frequentes, com bombardeios e ataques. Nesse meio tempo, Donetsk se tornou uma região autônoma.

E foi diante desse contexto que a Donbass Arena, um dos símbolos da crescente força do clube de futebol mais vitorioso dos últimos 20 anos da Ucrânia, acabou também sendo alvo de bombardeios. Primeiro em agosto de 2014 e depois em outubro. Desde setembro do referido ano, mais de 10 acordos de cessar fogo foram assinados.

A violência, entretanto, nunca deu trégua. E a diretoria, diante de tal contexto, teve de tomar medidas drásticas: o clube passou a sediar os jogos do outro lado do país, quase na fronteira com a Polônia. A praticamente 1.200 km de Donetsk, o Shakhtar, até então considerado uma espécie de colônia brasileira, mandava as partidas na Arena Lviv.

### **De Lviv a Kharkiv**

A saída para o extremo oeste ucraniano, distante da zona crucial dos conflitos, parecia uma solução satisfatória para o clube. Porém, o time sofreu e segue sofrendo os impactos de uma guerra que permanece viva apesar do pouco espaço ocupado nos noticiários.

O primeiro deles veio já ao final das férias do verão europeu de 2014. Quando os jogadores deveriam retornar às atividades e

fazer a pré-temporada, seis deles se recusaram, em um primeiro momento, a o fazer. E não foram quaisquer seis jogadores: tratavam-se “apenas” dos brasileiros selecionáveis Douglas Costa, Alex Teixeira, Ismaily e Fred, do atacante Dentinho e do argentino Facundo Ferreyra. O retorno, ainda que tardio, acabou acontecendo. O êxodo, entretanto, acabou sendo inevitável.

Logo, Costa, Teixeira, Fernando e Luiz Adriano deixaram a equipe. Exceção feita a Marlos e Márcio Azevedo, que já atuavam no futebol ucraniano, o clube passou a ter dificuldades imensas para fazer contratações.



Do mercado de transferências de 2014/15 até o último, em 2017/18, o clube gastou apenas 14,4 milhões de euros. Como comparativo, na temporada anterior à eclosão dos ataques, o Shakhtar havia gasto 71 milhões e, um ano antes, 24. Fora de seu estádio, despencou também o público das partidas. A média de 33.241 pessoas de 2013/14 caiu para 8.833 no ano seguinte e, na atual temporada, tem sido de menos de 7 mil pessoas.

Ao final de seus contratos, o brasileiro Bernard e Ferreyra também deixarão o clube no apagar das luzes da época em disputa. A sala de troféus do clube também sofreu baque. O pentacampeonato nacional foi interrompido justamente na campanha de 2014/15, com o título ficando com o tradicional Dínamo de Kiev. O ano que se seguiu também teve domínio do

azul e branco da capital; o Shakhtar só retomou o caminho das vitórias em 2016/17 (embora tenha conquistado o título da Copa da Ucrânia de 2015/16).

Após a dissolução do Metalist Kharkiv, em 2017, o Shakhtar se mudou novamente, passando a atuar no OSC Metalist, complexo localizado na cidade bem mais próxima de Donetsk, e não há indícios de que o clube vá retornar à casa.

Em 2016, o capitão do time, Darijo Srna disse ao The Guardian, que “nós perdemos nossas casas, nosso estádio e nossos torcedores. Perdemos nosso centro de treinamentos e perdemos nossa cidade [...] Esse time merece respeito”. Naquela altura, entretanto, o histórico lateral croata também garantiu que os problemas vividos não sinalizaram o final dos mineiros, como demonstra sua história recente. “As pessoas que pensam que o Shakhtar se desintegrará não conhecem nosso presidente e não conhecem nosso clube. Não sei quantos jogadores importantes nós já perdemos, e mantivemos o mesmo nível de jogo”.

Por outro lado, o chefe-executivo, Sergei Palkin, indicou à mesma reportagem um relato que parece dar melhor conta dos acontecimentos. “Habitualmente, recebíamos muito dinheiro de propagandas e patrocínios, mas quando nos mudamos para Lviv, tudo isso desapareceu. Algumas empresas de Donetsk, que nos apoiavam, nos deixaram. A maioria desapareceu por completo”.

A Europaçã ficou para trás e a anexação da Crimeia é assunto pouco comentado, assim como os bombardeios à Donbass Arena. Dentro das quatro linhas, o Shakhtar parece estar retomando seu caminho. O título ucraniano na temporada passada deu mostra disso, assim como a campanha na Liga dos Campeões vigente (chegou a vencer Napoli, Manchester City, Feyenoord e Roma).

O campeonato nacional também parece encaminhado mais uma vez. Mas as feridas seguem abertas. O torcedor do Shakhtar sofre a dor de um relacionamento à distância, o clube convive com o decréscimo de suas rendas e a constante saída de jogadores. Embora pouco se fale, a região continua tensa e pouca gente entende isso melhor do que os envolvidos na causa do clube dos mineiros ucranianos.



# A CAMISA 10, A AMPULHETA E O ESPÍRITO

Uma reflexão sobre o "craque fora do tempo", número místico muito mais antigo que Paulo Henrique Ganso

MUNDO | POR MURILLO MORET

**E**ntra em campo e é xingado. Sai dele e é idolatrado. E ao contrário. A camisa 10 e o jogador que a veste são personagens emblemáticos. Ele, que a traja, é um abençoado ou um herege - a neutralidade quase sempre é afastada da conversa.

A numeração é mística e o manto é um artefato que permeia o romantismo e a religiosidade individual. Mas qualquer memorabilia está sujeita ao teste do tempo; inclusive Ela.





## Tempo

Os defensores mais ávidos de Paulo Henrique, o Ganso, costumam dizer que o meia é um jogador fora do tempo dele. A construção desta ideia é problemática porque indica que o brasileiro é bom e que ele estaria apto a jogar em outra década. O primeiro ponto não será discutido (o que faz um jogador ser bom ou ruim?), pois foge à proposta do texto. Voltaremos ao segundo após os exemplos abaixo.

A bola chega para o camisa 10 na ponta direita, pois ele tinha corrido para o lado na tentativa de dar opção para o passe. O jogador demora um pouco para pensar na jogada, é fechado pela marcação e perde a posse. Ele, maior salário do clube, é vaiado. No mapa de calor do clássico, é indicado que ele, responsável por criar e finalizar, havia contribuído pouco em 75 minutos.

O outro era o queridinho da torcida e uma das esperanças da seleção, à época. O futebol era visualmente bonito e vistoso, mas a imprensa questionava: valia a pena tê-lo no time? As críticas diziam que ele se desligava facilmente da partida e que era um fardo em potencial para a equipe.

Os parágrafos contam pequenos relatos com quase meio século de diferença. O primeiro é sobre Mesut Özil, provedor de discussões acaloradas sobre a maneira de se portar entre as quatro linhas. O segundo fala de Gianni Rivera, premiado com o título de Melhor Jogador Europeu em 1969.

Um dos principais críticos do italiano foi o famoso e importante jornalista Gianni Brera. Ele foi o responsável por apelidar o Golden Boy de abatino. A tradução literal é "jovem padre", mas o contexto do comunicador era diferente: representava o jogador que não marcava e fugia do contato. Como hoje, a ideia era que um lapso de genialidade não justificava o buraco no meio-campo pelo tempo restante.

Rivera foi muito importante nas duas conquistas continentais do Milan durante a década de 60. Em 1963, deu um par de assistências para José Altafini na vitória contra o Real Madrid. Seis anos depois, viveu possivelmente o auge da carreira.

Essas equipes milanistas pertenceram ao técnico Nereo Rocco em trabalhos distintos - brevemente interrompido quando ele comandou o Torino por quatro temporadas.

Ainda que separado por quase uma geração, os times foram montados para e em volta do Garoto de Ouro. Desta forma, o treinador estabeleceu a exclusão do líbero, figura primordial na Itália desde a década anterior com a popularização do catenaccio por ele mesmo. O líbero se transformou em meio-campista, o qual foi chamado de "terceiro pulmão". Para justificar a escalação de Rivera, era necessário ter alguém que marcasse por ele - o milanista Giovanni Lodetti cumpria a função à risca. O problema de despejar tamanha responsabilidade em somente um jogador é esperar por consistência sempre. Isso fica claro em outro caso.

A genética favoreceu Sandro Mazzola. O filho de Valentino, astro imortal do Grande Torino, é um dos ídolos da Inter e foi um dos principais atletas da equipe que conquistou tudo o que podia nos anos 60. Ainda que não haja evidências das críticas com o pai, a ideia dos abatini também foi colocada em prova com Sandro. Na Copa do Mundo de 1970, o técnico Ferruccio Valcareggi jogava com Mazzola em um tempo e Rivera noutra - uma forma de aderir a teoria de Brera. Simultaneamente era como se eles não se completassem; como se, somados, fossem tão bons quanto um jogador.

Discussão parecida já acontecia no Campeonato Soviético. Arkady Galinsky, jornalista conceituado de futebol naqueles mesmos anos, escreveu que um dos armadores do Dinamo

**“Alguns técnicos de futebol interpretam o criador de jogadas como um hóspede num spa. Talvez não haja problemas em dispensar um ou dois atacantes de suas obrigações defensivas, mas fazer o mesmo com um meio-campista? Ele é [Bobby] Charlton ou Didi?” – Arkady Galinsky, em Nye sotvori syebye kumira, sem tradução em português.**

de Kiev não recebia a bola quando fazia o passe e encontrava espaço à frente. Disse que, nestas situações, Yuri Avrutsky era inútil e que “se tornava um peso para o time” por não marcar um atleta rival no contra-golpe.



## Evolução

Anumeração fixa só foi introduzida no futebol, tradicionalmente, nos anos 90. Com exceção da Holanda, que distribuía as camisas da seleção pela ordem alfabética, os números pertenciam às posições. Na Inglaterra, os zagueiros eram 5 e 3. Quando recuaram o ponta para a lateral, o direito vestia a 2; na Argentina, por outro lado, este era o 4.

A camisa 10 historicamente pertence ao jogador que atua próximo à área adversária. No esquema com cinco atacantes, ele (e o 8) ficavam um pouco mais recuados em relação a outros três. A concepção mudava de região para região. No Rio da Prata, por conta do estilo, os dois atacantes que jogavam por dentro do campo eram vistos como primordiais para a criação. Argentinos e uruguaios passaram a cultuar o drible curto em zigue-zague.

Os números impostos pela Federação Inglesa (FA) quando obrigou a numeração na camisa, em 1939, ignoraram o futuro. Mas o 10 já estava ali, como interior pela esquerda. No esquema W-M, havia uma pré-disposição para que o atacante recuado esquerdo ficasse em uma situação mais ofensiva que o camisa 8, escreveu Richard Williams em *The Perfect 10*.

Por conta disso, até criou-se uma crença que canhotos eram mais criativos - mesmo que tenhamos destes excepcionais na posição (Matthias Sindelar, Michel Platini e Pelé, para citar uns poucos).

Uma inovação brasileira auxiliou na presença desses jogadores com práticas mais brandas nos compromissos defensivos. Enquanto a marcação individual ajudava no florescimento de extremos matadores (como Stanley Matthews), a por zona - cunhada por Zezé Moreira para dar liberdade a Didi na Copa de 1954 - foi uma das soluções encontradas para conceder liberdade para estes ditos pontas-de-lança.

Andriy Biba, por exemplo, foi o Didi soviético. O atacante convertido em criador de jogadas foi um dos meias mais talentosos que a Ucrânia produziu. Em 1966, encerrou a temporada com dois títulos nacionais e o prêmio de Jogador Soviético do Ano.

Para ter Biba atuando com liberdade, o Dinamo de Kiev precisava de um "terceiro pulmão" - mesmo sem chamar desta forma. A contratação e escalação do veterano atacante Vasyl Turyanchyk à frente da defesa foi a primeira experiência de um médio defensivo no futebol soviético. Ele era o contraponto a Biba.

O afastamento de um esquema com pontas fez florescer táticas com três zagueiros, que facilitavam a presença de pontas-de-lança nas décadas de 70 e 80, como Diego Maradona, Michael Laudrup e Felix Magath.

Mas a discussão filosófica já estava arranjada: a postura do futebol, em 1990, estava sistematizada. Portanto, especulavam se o símbolo da arte ainda teria espaço na contemporaneidade. A democracia já não valia ao 10.

## Falhas

Nesta mesma década de 90, o camisa 10 já não tinha o espírito tão livre. Platini, um dos símbolos atemporais, não tinha um time construído para ele. Na seleção francesa, às vezes jogava mais recuado, como um meia de ligação; e às vezes como centroavante, por contar com companheiros de qualidade em Jean Tigana e Alain Giresse, também capazes de propor o jogo. O Ajax de Louis van Gaal, dos principais times do período, contava com a presença constante do seu 10, Jari Litmanen, na marcação.

Aos brasileiros, a camisa 10 virou sinônimo de ponta-de-lança com o sorteio da numeração para o Mundial de 1958. O número indicava o caminho, mas nem todos seguiam o padrão: o Santos campeão de tudo em 1962 e o Botafogo vitorioso em 1968 capturaram o conceito; no Cruzeiro, o ponta-de-lança Tostão era o 8, enquanto Dirceu Lopes, armador, usava a 10.

E, assim, alimenta-se a falha de compreensão. Há pelo menos oito anos, os clubes brasileiros buscam salvadores; estes, normalmente, são meias-atacantes. Este atleta é a resposta para



todos os problemas - mesmo sendo um jogador que não exista. A ideia do 10 sobrenatural é uma mescla de atributos. O 10 perfeito, utópico, é uma projeção do ponta-de-lança somado ao camisa 8, armador. Ele cria e finaliza. Muito e sempre. E empilha gols.

A própria alcunha “ponta-de-lança” caiu em desuso. Na imprensa nacional, a Placar usava a categoria na Bola de Prata. Zico, Careca e Cuca disputaram o prêmio em 1988, último ano antes de divulgarem a ampla posição “meias” nas páginas da revista.

Nos últimos meses, uma publicação escreveu que Pep Guardiola fez o Manchester City “jogar com dois 10”. Na configuração clássica, Kevin De Bruyne é 8 e David Silva é 10. Inclusive ao longo da história temos excertos de meias-atacantes que também se destacaram em outras funções: além de Platini, Osvaldo Zubeldía foi armador no vice-campeonato argentino do Vélez Sarsfield, em 1953, e Jairzinho fez fama pelos flancos.

Ganso, que abre este texto, é subjulgado por ser um “fora do tempo”? Talvez não seja bem assim, uma vez que ele não é um 10, porque não encosta nos atacantes e tampouco faz muitos gols; nem 8, pois não preenche os espaços.

Em outro exemplo, tem-se que os anos iniciais de Alex pelo Palmeiras tinham o eco do apelido “Alexotan” (em alusão ao tranquilizante Lexotan). Para uma parcela da torcida, o meia se dispersava facilmente do jogo como se tivesse realmente ingerido um tranquilizante.

O próprio Alex reconheceu, depois da aposentadoria, que intercalava partidas espetaculares com comuns. Teorizar o ídolo do Fenerbahçe como um craque de qualquer época é desinformação; no contexto, Alex, de 400 gols na carreira, é o ponta-de-lança 10 que Ganso não consegue ser.

Na batalha ferrenha entre 10 clássicos (Diego Maradona, Lionel Messi e Kaká) e projetados (Özil, Zinedine Zidane, Cesc Fàbregas, Jorge Valdivia e Andrés Iniesta), o resultado é que o espírito livre foi enjaulado - mas se for bom, ele consegue sair.



# A ESPERANÇA QUE SAI DO CAMPO PARA A RUA

Do caos à renovação de alguma esperança, o futebol tem sido espelho da sociedade egípcia

EGITO | POR WLADIMIR DIAS

O ano de 2010 foi icônico para o norte da África e parte do Oriente Médio. No apagar das luzes do ano, o jovem Mohamed Bouazizi, então com 26 anos, ateou fogo em si mesmo em protesto às péssimas condições de vida a que seu povo era submetido.

O cenário desse ato foi a Tunísia, provocando uma revolução que terminou ocasionando a deposição do governo local. Além disso, motivados pela força do movimento tunisiano, povos de outros países da região acabaram mobilizando esforços em prol do fim de governos autocráticos. Dentre outras nações, a conhecida Primavera Árabe teve forte papel no Egito.





## **30 anos de mãos de ferro**

Os bons fluidos trazidos pelo início dos movimentos populares acabaram sendo cruciais para a mudança das estruturas de poder egípcias. A histórica civilização se encontrava, à época, rendida ao poder de Hosni Mubarak. De raízes militares, nomeadamente ligadas aos serviços aeronáuticos, Mubarak subiu rapidamente vários degraus nas estruturas de governo.

Do comando da Força Aérea egípcia (1972) à vice-presidência (1975) foram apenas três anos, em que Mubarak transitou também na cadeira de Ministro da Guerra, fez-se Marechal e conquistou notoriedade após liderar um ataque bem-sucedido a Israel, durante a Guerra do Yom Kippur. Entre 1975 e 81, foi o braço direito do presidente Muhammad Anwar el-Sadat, até que veio um acidente na trajetória do líder.

Durante um evento militar, em 1981, Sadat, considerado um islamita moderado – inclusive premiado com o Nobel da Paz, em razão de ter estabelecido diálogo com Israel -- foi assassinado por um grupo de fundamentalistas. Tal fato ocasionou a ascensão de Hosni (ferido na mão no evento) ao poder.

Entre sua ascensão, eleições polêmicas em 1987, 1993, 1995 e 1999, e o ano de 2011, passaram-se quase 30 anos de domínio e forte influência. O Egito passou a ter papel instrumental na articulação das relações no Oriente Médio.

Mubarak interviu em conflitos, transitou bem em círculos de poder que incluíam personalidades como George W. Bush e Nicolas Sarkozy, e por isso também foi muito odiado, tendo sido vítima de mais de uma tentativa de assassinato. O custo disso para o povo egípcio foram anos de submissão a um regime duro, autoritário e corrupto, embora laico.

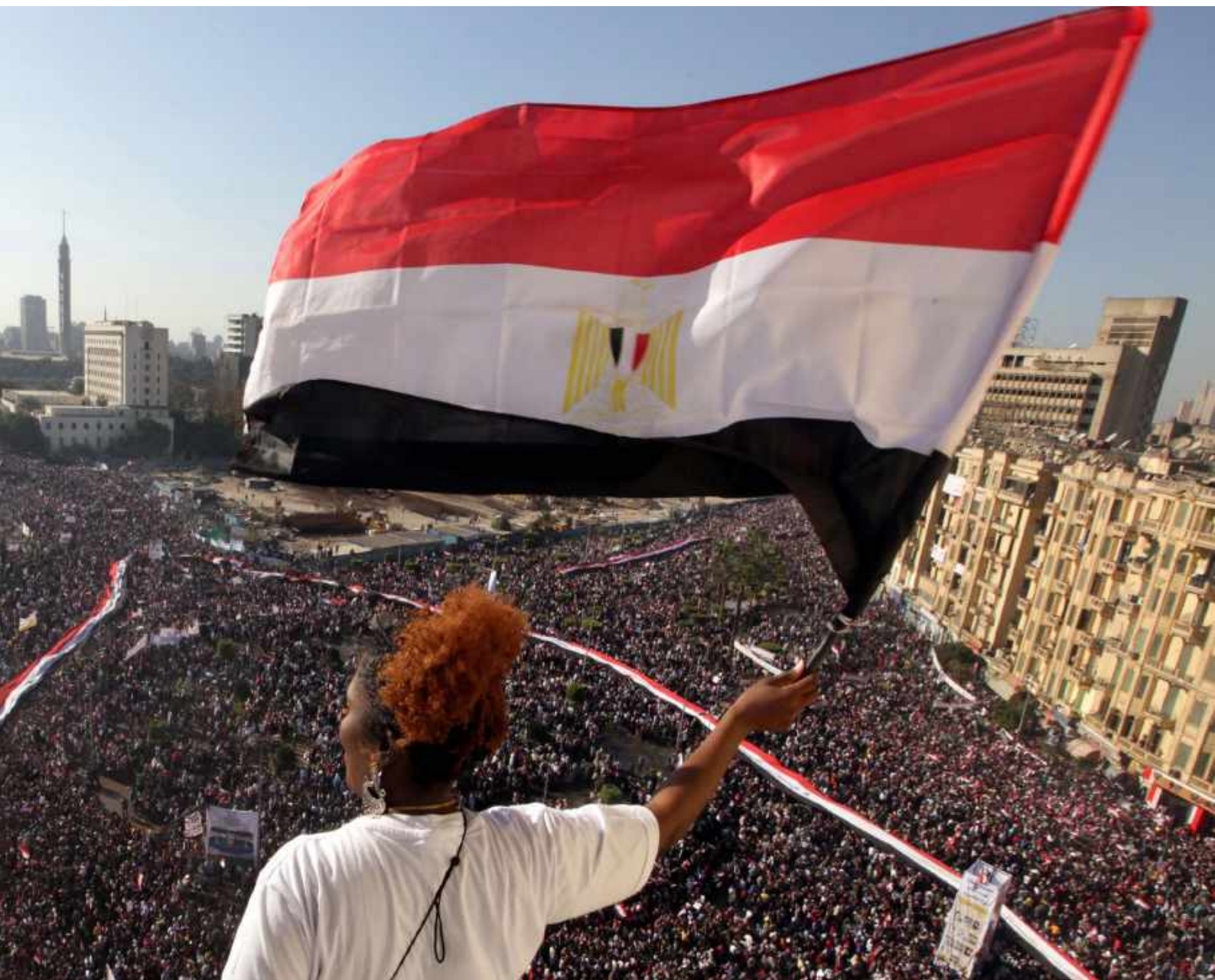
## **Dia da Ira, Revolução de Lótus e desesperança**

Inspirados pelo que acontecia ao seu redor, os egípcios foram às ruas de Cairo, em 25 de janeiro, ou o “Dia da Ira”. O levante popular, que levou milhares à praça Tahrir, foi intenso e obteve êxito. Após diversas tentativas de sufocar e conter as

manifestações, Mubarak renunciou ao poder em 11 de fevereiro de 2011. Entretanto, em 2017, após idas e vindas, condenações e absolvições, acabou livre das acusações a respeito das mortes ocorridas durante as movimentações.

Não por acaso, um levantamento feito pela Transparência Internacional em 2012 apontou 32 pontos apenas para o Egito, em uma escala de que vai de 0 a 100, em que quanto maior for a pontuação menos obscuro é o país.

A esperança logo foi se perdendo. A famigerada Revolução de Lótus ocasionou uma necessária transição política, que se deu pelas mãos dos militares, o que por si só já causou inquietação nacional, embora tenha culminado nas eleições de 2012. Por margem pequena, 51,7%, Mohammed Morsi, o candidato da oposição e pertencente à Irmandade Muçulmana – descrita pelos alemães da Deutsche Welle como “uma organização islâmica



radical que atua em vários países e que defende a adoção da lei islâmica, rejeitando qualquer tipo de influência ocidental” – venceu.

O governo durou pouco. A paz social obtida nos primeiros meses após as eleições logo acabou e as pressões de um povo que se viu em vias de ser novamente subjugado por um governo autoritário foram retomadas. Mas o que parecia ruim, só piorou.

Um ano depois, Morsi foi deposto por meio de um golpe militar, liderado por Abdel Fattah al-Sisi. Há quem afirme que a situação que passou a ser vivida no país é ainda pior do que aquela da “Era Mubarak”, marcada por repressão maior, autoritarismo, negação de liberdades individuais e tortura. Em 2017, o El País garantiu também que economicamente a situação não havia melhorado, diante disparada da inflação.

O sacrifício popular, que no Egito começou em 2011 e foi regado a sangue, suor e lágrimas, acabou não resultando em nada, senão desesperança.

### **O futebol enquanto espelho do país**

Embora para muitos o futebol seja um espaço ligado apenas ao lúdico, ao entretenimento, tratando-se de um assunto ameno, são vários os exemplos que fazem cair por terra esse pensamento. Um deles aconteceu em 1º de fevereiro de 2012, em Port Said.

Terminada uma partida entre Al-Masry, dono da casa, e Al-Ahly, parte da torcida anfitriã e vencedora naquela noite invadiu o campo e protagonizou cenas de selvageria.

O saldo final apontou 74 mortes e mais de 500 pessoas feridas. Relatos como o feito pelos ingleses do Guardian dão conta do que houve.

Testemunhas afirmaram ter visto facas e espadas, falaram também a respeito do controverso fato de que os portões foram inexplicavelmente abertos no momento e, em um momento mais caótico, fechados, impedindo a evacuação das pessoas. As forças policiais pouco fizeram para evitar o ocaso. O problema

tomou proporções tais que o Guardian fez um questionamento dos mais pertinentes:

“A questão persiste em notar se as mortes e ferimentos foram resultado de simples hooliganismo que perdeu o controle, da negligência da polícia egípcia, que aparentemente não fez nada para evitar a violência, enquanto essa crescia, ou se foi orquestrado pelo estado, com vândalos pagos enviados à multidão para incitar o conflito”.

A maior tragédia da história do futebol egípcio acabou tendo repercussões da mais alta gravidade. A Liga Egípcia de 2011-12 foi suspensa imediatamente e cancelada um mês mais tarde, substituída pela Copa dos Mártires, certame disputado por 18 equipes, com portões fechados. Aquele dia ficou eternizado; não foi só futebol.

“Isso não é futebol. Isso é uma guerra e pessoas estão morrendo na nossa frente. Não há movimento, não há segurança, não há ambulâncias [...] Essa é uma situação horrível. O dia de hoje nunca poderá ser esquecido”, arrematou Mohamed Aboutrika, então craque do Al-Ahly, à TV do clube.

### **Um Faraó para a todos governar**

Por outro lado, bem ou mal, o futebol também é fonte de pacificação social e traz alguma perspectiva positiva – principalmente quando é impulsionado por personalidades com quem o povo se identifica.

Representando o desejo incontido por dias melhores para o país, Mohamed Salah se tornou um herói nacional. O atacante do Liverpool poderia ser o modelo perfeito para ser utilizado por um governo ilegítimo em busca de desviar o foco da dureza da vida diária, aproveitando-se do futebol.

Entretanto, talvez pelo que o jogador transparece – até mais do que propriamente pela sua técnica – “Mo” se tornou ícone nacional indiscutível. Algum tempo após a tragédia de Port Said, em 2015, Salah foi emprestado pelo Chelsea à Fiorentina e na época tomou uma atitude de importante significado e que

mostra precisamente seu engajamento com as causas nacionais. Na oportunidade, escolheu vestir a camisa 74, em homenagem às vítimas daquela selvageria. Dentro dos campos, o atacante também foi o grande nome dos Faraós na campanha que os devolveu à disputa da Copa do Mundo, o que só aconteceu em 1934 e 1990, com participações muito ruins.

Ainda que o Egito seja o maior vencedor da Copa Africana de Nações em sua história, sua vida em Mundiais não tem páginas relevantes. Mohamed é o emblema de uma equipe que devolveu um pouco de orgulho à tão sofrida nação.



Ao lado de figuras como Mohamed Elneny, meio-campista do Arsenal, e Ahmed Elmohamady, lateral do Aston Villa, foi o craque egípcio nas eliminatórias.

O país somou quatro vitórias, um empate e apenas uma derrota, enfrentando Uganda, Gana e Congo. Salah foi às redes cinco vezes, tendo sido o artilheiro máximo da disputa. Com o êxito, a praça Tahrir voltou a se incendiar. Dessa vez, porém, os sinalizadores e bandeiras celebravam o sucesso do país – ao

menos no cenário esportivo. Além disso, celebrava-se Salah, que, não sem motivo, é popularmente chamado de Faraó. Uma testemunha ocular entrevistada pelo Daily Mail deu a nota do que aconteceu naquela noite: “Você olha ao redor e vê o quão felizes as pessoas estão. Isso é algo que nunca testemunhamos no Egito”.

Já o jornal independente Mada Masr explica o porquê de ser Salah o porta-voz de seu povo, mesmo vivendo há anos longe de seu país: “nós somos confrontados com uma pessoa [Salah] que acredita firmemente em esperança e que, por isso, consegue constantemente crescer e evoluir. Nós estamos diante de um egípcio que o Egito falhou na missão de ‘egiptizar’ e é exatamente por isso que ele é celebrado em toda a parte”.

Outra demonstração da representatividade de Salah para seu país veio recentemente das urnas. Segundo a revista The Economist, grande parte dos votos nulos da última eleição do país (que manteve al-Sisi no poder) continham o nome do jogador. Os números superariam os milhares.

### **Futebol que também é delas**

Outra personalidade importante é Sarah Essam, a primeira egípcia a atuar no futebol inglês, em que defende as cores do Stoke City. Escolhida para figurar no rol das 100 personalidades femininas de 2017 da BBC, a atleta é tida como outra figura em quem o povo pode se inspirar.

Sua carreira começou em 2015, no Wadi Degla, do Egito. Aos 18 anos, integrou a seleção egípcia sub-17 e já faz parte da equipe principal. Sua migração para a Inglaterra, todavia, teve como finalidade o estudo de engenharia, o que torna claro que viver do futebol ainda é incerto demais, sobretudo no universo feminino.

O esporte passou ao segundo plano, mas não foi esquecido, com a jogadora fazendo testes em diversos clubes (até ser aprovada e partir para o time de Stoke-on-Trent). E, como não é difícil imaginar, vinda de uma sociedade patriarcal, Essam foi desencorajada.



**“Inicialmente, minha família foi muito contrária à minha carreira como jogadora, eles não estavam convencidos a respeito do fato de eu jogar futebol, especialmente minha mãe. Ela achava que eu deveria parar e me concentrar nos estudos [...] É claro que já vivi muitos momentos de desespero, mas tenho que persistir, porque se desistir do meu sonho, tudo terá sido um desperdício.” (Sarah Essam)**

Representante de seu país no cenário internacional, jogadora, mulher e estudante, Essam é outra personalidade que desafia a lógica e os padrões. Apesar da dura rotina e das dificuldades, rompe barreiras. Como Salah, faz justamente o que seu povo precisa, tenta e ainda não conseguiu.





# A CULPA QUE CARREGAMOS

A dívida secular com o futebol feminino  
e nossas paixões reprimidas

MUNDO | POR JESSICA MIRANDA

**A** pesar de todas as corrupções que envolvem a Copa do Mundo, até mesmo quem não aprecia o esporte entra no clima do torneio. É um fenômeno global que a cada quatro anos deixa marcas registradas eternamente no coletivo. Nós, os doentes por futebol, por certo sabemos de cor os anos de disputa, as sedes, os vencedores, sem falar nas lembranças mais felizes e nas tragédias particulares.

O parágrafo acima evocou memórias. E em todas elas, dentro de campo só havia homens. Não chegamos a cogitar que o Mundial é um torneio esportivo dos dois sexos porque somos doentes por futebol masculino.



Mal a mal acompanhamos a seleção feminina nas Olimpíadas, muito pelo fato de, até então, os homens não terem conquistado o ouro. Repetimos clichês e fazemos promessas de nos inteirarmos mais sobre elas, mas em pouco tempo a vida passa e logo retomamos nossa rotina.

O esporte feminino, no geral, é subapreciado e subvalorizado com relação ao masculino. No futebol, estrondoso é o abismo entre homens e mulheres. Não é fácil refletir sobre as razões dessa magnitude negativa, tampouco rever nossas próprias posturas em relação a isso.

### **Copa do Mundo Feminina: uma ideia**

Vinte e um anos depois, a França voltará a sediar uma Copa. Após Zidane e companhia brilharem em 1998, a camisa 9 Eugénie Le Sommer tentará liderar a conquista do título inédito, em casa, deixando para trás as outras 23 nações.

A disputa em solo francês será mais um tijolo na consolidação do futebol feminino mundial. No ano de 1988, após longas conversas, a Fifa realizou um torneio teste, na China. Um protótipo de Copa do Mundo, com doze seleções divididas em três grupos.

Antes disso, as competições internacionais eram organizadas com poucas participantes e de forma esparsa, como o Mundialito e a Women's World Invitational Tournament. A primeira disputa internacional entre nações foi a Competição Europeia de Futebol feminino de 1969, entre Itália – campeã –, Dinamarca, Inglaterra e França, sem a chancela da entidade.

A pergunta que se deve fazer, contudo, não é "como foi a primeira Copa do Mundo feminina?", e sim "por que este torneio foi apenas realizado em 1991?", já que a edição de estreia do Mundial masculino aconteceu em 1930, no Uruguai, sendo necessárias mais de seis décadas para que as mulheres pudessem almejar disputar uma competição de mesma magnitude. É um tempo de demora inaceitável e degradante, que coloca o esporte feminino num círculo vicioso.

### **Pioneirismo**

Num sábado de sol, duas centenas de pessoas se reúnem para jogar futebol, na cidade de São Paulo. É mais uma edição da Copa Trifon

Ivanov (homens) e da Copa Lily Parr (mulheres). Cada equipe possui um nome em homenagem – cômica – a um clube: Lulaverdense, Benfica vai ter bolo, Vanderlecht... a criatividade da organização é ilimitada. Limitado, porém, é o conhecimento sobre a jogadora que dá o nome ao torneio feminino. “Quem é ela?”, “Como se pronuncia o sobrenome?”, “De que país ela é?”.



Em compensação, o zagueiro búlgaro Ivanov, ídolo oculto dos torcedores mais cult, tinha a sua trajetória e biografia mais conhecidas e disseminadas entre todos os presentes.

Contudo, não pense que este relato é para apontar o dedo a alguém. Se muito, é para apontar para mim mesma. Apitei, joguei e virei capitã da Copa Lily Parr sem saber exatamente quem era ela: no máximo, uma jogadora inglesa, do início do século passado. “Pioneira que se fala, né?”

Se Lily Parr arrumasse sua postura, ficaria quase à altura de Cristiano Ronaldo – de modo algum querendo comparar uma mulher dos anos de 1910 com um jogador contemporâneo; é apenas a título de ilustração. Parr, fruto de seu tempo, amava beber e fumar.

Morava com outra mulher e, nas horas vagas, jogava futebol, atraindo multidões para ver o que ela poderia fazer com seus chutes de perna esquerda, quase tiros de canhão de tão potentes – como os do camisa 7 do Real Madrid. E, apesar de ter uma carreira recheada de gols e quebras de paradigmas, de ter um estilo de vida como Heleno de Freitas e outros boleiros boêmios geniais, a história a esqueceu completamente.

Lily começou as suas exhibições ainda quando adolescente, aos quatorze verões. Em 1919, o cenário europeu era de reconstrução total pois a Primeira Guerra Mundial acabara um ano antes. Por conta do conflito bélico, a Federação Inglesa de Futebol (FA) suspendeu as partidas da liga masculina a partir da temporada 1914-15. Os homens então foram à Guerra; as mulheres, às fábricas.

Neste contexto, as funcionárias das indústrias Dick, Kerr, da cidade de Preston, montaram um time de futebol conhecido como Moças da Dick, Kerr para organizar partidas e angariar fundos destinados aos combatentes, àqueles que tiveram a sorte de retornar. Parr foi vista jogando amistosamente entre meninos, e então convidada para jogar pela equipe.

Seu impacto foi profundo. Estima-se em quase 55 mil o número de presentes em determinada partida das Moças da Dick, Kerr, no estádio do Everton. Um verdadeiro fenômeno, social e financeiro. Mas se em 1920 elas foram escolhidas para representar a seleção da Inglaterra na primeira partida oficial entre seleções, contra a França, por que no fim de 1921 a prática de futebol por mulheres se tornou ilegal?

Em entrevista ao Telegraph, a professora Alethea Melling, da Universidade de Central Lancashire, na Inglaterra, elenca as preocupações veladas que implicaram na proibição: “o futebol feminino era então tido como revolucionário e bem perigoso. Houve uma razão política para proibi-lo. Ele ficou grande demais e com motivações classicistas [como o apoio à greve dos mineradores, em 1921] rápido demais. E isso era muito temerário. Amedrontava as pessoas”.

Por pessoas, a acadêmica aponta os dirigentes da FA, os quais explicitamente condenaram a doação de parte das receitas para a caridade – e não para a associação –, além de determinarem que o jogo era impróprio para o público feminino, por ser inapropriado para seus corpos.

Com o uso de campos profissionais proibidos, os times ingleses femininos tiveram de sair do país em excursões, para manter o projeto vivo. Na volta ao seu país de origem, passaram a jogar em parques e estacionamentos.

As mulheres, em resumo, foram extirpadas do direito de praticar futebol. A ilegalidade gera, num primeiro momento, instabilidade. A dúvida, medo. Poucas são as pessoas que têm estrutura – física, mental, social e financeira – para prosseguir em meio a tantas adversidades e preconceitos. Desistem, pois. O tempo acaba por normalizar a ofensa e gerações crescem acreditando que futebol não é coisa para mulheres.

Esta violência não foi exclusiva na Inglaterra, ocorreu mundo afora, perdurando por décadas até uma eventual revogação. Mas permitir que mulheres joguem bola não é, nem de longe, o mesmo que desenvolver o esporte. A própria FA revogou o banimento em 1971 e, até hoje, o futebol feminino local carece de incentivos no Reino Unido e de profissionais que diminuam o abismo estrutural com o masculino.

A Premier League feminina, denominada Women's Super League, possui dez times. Porém apenas cinco equipes masculinas da primeira divisão contam com elenco feminino: Arsenal, Everton, Liverpool, Chelsea e Manchester City.

Os dois últimos estão classificados para as semifinais da Liga dos Campeões Feminina da temporada 2017/18, um feito inédito na Inglaterra, afinal, o torneio, reformulado e expandido a partir de 2009, tem visto uma hegemonia do Lyon e de equipes alemãs, com quatro títulos para cada.

## Meu Brasil brasileiro

Mais um foto viraliza nas redes sociais. Vemos as costas de um menino, em torno de dez anos. Ele traja uma camisa da seleção brasileira, número 10. O detalhe é um rabisco precário de caneta no nome de Neymar, com

uma anotação em seu lugar: Marta. É época de Olimpíadas no Brasil, e tanto os homens quanto as mulheres buscam uma inédita medalha de ouro no futebol.

As Seleções pareciam dividir uma mesma barra de sucesso. Enquanto uma estivesse bem, a outra estaria mal. A feminina fez uma primeira fase tranquila e encantadora, ao passo que a masculina patinava em resultados ruins e futebol engessado. Foi o suficiente para se enaltecer Marta, afinal, ela não é a melhor jogadora do mundo? A Pelé de Saias?

Praticamente tudo que envolve a equipe nacional feminina é um catado de lugar-comum e generalizações, sedimentando uma futura crítica aos resultados obtidos – e ela sempre vem, ainda que rapidamente, numa anedota rasa. Além do desempenho citado em Jogos Olímpicos, a Seleção nunca conquistou um título mundial.

A cada novo insucesso, comenta-se nas redes sociais sobre as fracassadas mulheres e, se são perdedoras, por que deveríamos investir nelas? Seja investimento de patrocínio, de incentivo e até mesmo disponibilizar nosso tempo para vê-las em ação...

O futebol foi um dos inúmeros esportes que teve a sua prática proibida pela então Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1965, através da deliberação número 7 – Getúlio Vargas, durante a Ditadura Nova, concedeu poderes regulatórios ao órgão.

O cerne do argumento era uma suposta incompatibilidade da prática esportiva com o corpo feminino. No subtexto, porém, temia-se estimular a emancipação feminina, tentando obrigar a mulher a permanecer na suas funções de maternidade e cuidado do lar.

Giovana Capucim e Silva, em sua tese de mestrado na Universidade de São Paulo, indica que a proibição nada mais foi do que a continuação da cultura de apropriação do físico e mental das mulheres, disfarçando-se o controle com um interesse na preservação da saúde feminina.

“A noção da realização feminina no ato da maternidade, tão disseminada no século XIX, adentrou a próxima centúria, sendo possível observar este princípio na justificativa usada em 1940, por José Fuzeira, com a finalidade de excluir as mulheres da prática do futebol: elas não poderiam ser jogadoras da pelota devido aos desígnios da “natureza”

que as “dispôs a ser mãe”. (...) Não era negado às mulheres o direito à prática de atividades físicas, desde que estas não trouxessem nenhum tipo de contato físico intenso ou esforço excessivo. Caso contrário, segundo os médicos da época, o potencial materno das moças podia ser prejudicado”, defende a mestre.

Ao longo de sua dissertação, Giovana analisa a aparição do futebol feminino nos veículos de imprensa até 1983, quando finalmente o CND, após pressão – por interesses comerciais a serem explorados – do então presidente da Fifa, João Havelange, regulamentou o esporte, quatro anos após revogar a deliberação número 7/65. Embora não significasse a profissionalização do futebol feminino, já era um avanço.

Ao se debruçar sobre o material, a historiadora aponta que, antes mesmo da proibição, a mídia cobria apenas eventuais partidas entre vedetes e outras mulheres que não possuíam conexão com o esporte.

Para ela, “o jogo aparecia esvaziado de seu significado competitivo e passava a figurar como um espetáculo de lazer, sem comprometimento com o resultado. Ao mesmo tempo, o contorno de show beneficente para a partida também estava relacionado diretamente à relação entre mulheres e esporte, particularmente à concepção hegemônica do futebol como algo voltado ao público masculino heterossexual”.

## Comando

Emily Lima não chegou a jogar pelo Brasil. Como tinha também nacionalidade portuguesa, representou a equipe europeia durante um curto período, um pouco antes de pendurar as chuteiras, no fim da década passada. A ex-volante foi atrás de estudar, de se profissionalizar como treinadora, num ambiente dominado por homens. Conseguiu trabalho no Juventus, e, com méritos, assumiu em 2013 o sub-15 e sub-17 da Seleção feminina.

Em participação no podcast *Dibradoras*, Emily conta que a falta de incentivos e o salário bem aquém do mercado fizeram com que desistisse, em 2015, de continuar comandando as seleções de base brasileiras, assumindo o São José.

Em dois anos de trabalho na equipe, conquistou um título paulista e um vice-campeonato na Copa de Brasil da categoria, de modo a receber



um convite para voltar à frente da Seleção, desta vez na principal, em substituição ao técnico Vadão.

Poder-se-ia esperar uma mudança no futebol feminino brasileiro, a partir do apontamento inédito de uma mulher para um cargo de comando, mas sob alegação de resultados ruins, em derrotas para Alemanha, Austrália e EUA, a técnica foi demitida com dez meses de trabalho, com apenas treze jogos (sete vitórias, um empate, e cinco derrotas). Em seu lugar, retorna justamente quem ela sucedeu.

Portentar lutar contra o status quo, Emily entrou em rota de colisão com a CBF, cujos dirigentes aguardaram os primeiros tropeços de resultados – em amistosos contra seleções mais desenvolvidas estruturalmente no futebol feminino – para justificar a saída repentina dela.

O Santos, com seu projeto Sereias da Vila, contratou Emily no começo de 2018, para a disputa do Paulista, Brasileiro e Libertadores. Vadão comandará a Seleção na Copa América, em abril. E eu finalizo este texto com muito mais dúvidas do que respostas.

Por que nós, que amamos o esporte, carregamos essa culpa pela invisibilidade e apagamento histórico do futebol feminino? Não sei, mas 'bora vestir minha camisa e ver o jogo feminino do meu time no domingo'.





70

amara

NO.1 FOR NEW VANS & IN